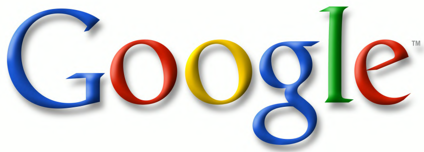
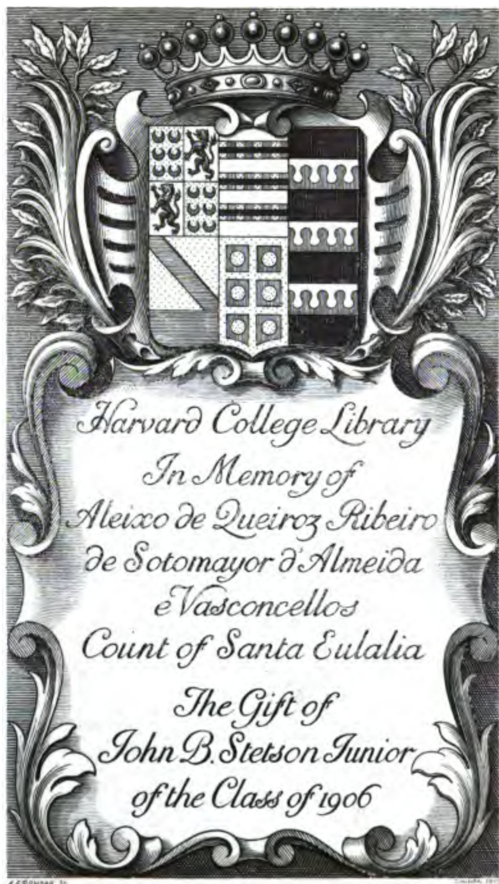

Google


WIDENER
HN Z87X


HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

AGOSTINHEIDA,

POEMA HEROI-CÓMICO,

EM 9 CANTOS.

1921

Dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum
Posse nefas?........

Virg. En. L. 4°.

De
Pato Moniz

LONDRES:

IMPRESSO POR W. FLINT, OLD BAILEY.

1817.

Pertence a

Assim como déve guardar-se, para exemplo, a memória dos Homens extraordinarios por suas virtudes, deve tambem perpetuar-se, para horror, a lembrança dos Homens extraordinariamente criminosos. *Joze Agostinho de Macedo,* sobre ser hum perverso, reconhecido por tal, he hum tenacissimo folheador de livros, e rabiscador de papel, sem sufficiente báse de saõs principios, e sem aquelle juizo discernidor, que immediatamente attinge o mao, o bom, e o melhor: nóta-se por isso em todos seus escriptos, a incorrecçaõ, impureza, e impropriedade de estylo ; a deslocaçaõ, e confusaõ de ideas; e a superficialidade do saber, por matérias tocádas de revéz, ou apenas, tocadas,

quando deveria profundallas; como por citaçoes falsas, amiudádos, e mal cirzidos plagiatos, erros palmares, &c. &c. em summa os seus escriptos recomendaõ o desprezo de seu Auctor, e o seu orgulho he ainda maior do que a sua charlataneria!

Ora tudo isto o fazia acrédor de huma desdenhósa indifferença, e bem éra o que eu lhe dava: mas, depois de ver *I. A. de Macedo* (especialmente no *Motim Literario*, ou *Solilóquios)* abocanhar todos os grandes Homens com todo o fel do Cynismo, e da ignorancia presumpçósa, vendo publico hum seu Poema recheado de todos os defeitos que podiaõ esperar-se de tal Escriptor, e sobre o assumpto tratado pelo divino Camões, que pertende des-acreditar; quem seria taõ insensivel que visse com indifferença o maligno Poetastro altamente apadrinhado!.... Era bem natural que este escandalo produzisse a indignaçaõ, e eis o que deo origem á composiçaõ do presente Poema: porem, des-affogado o primeiro impeto, guardei por muito tempo o manuscripto; larguei-o finalmente a rogos, e copiaraõ-mo; recolhi-o por

isso, e fechei-o: senaõ quando provóca-me de novo a pertinaz insolencia de *I. A.* que re-imprimio o seu *Poema Gama* de baixo do titulo de *Oriente*, com hum discurso preliminar, que he outra virulenta Catilinária contra Camões! Tórno pois a abrir a minha gaveta; e deixo que, com algumas innovações, se lêa outra-vez o meu Poema, cujo Heróe arrevezado he I. A. de *Macedo*, e cuja acçaõ he a publicaçaõ do seu *Poema Gama*: ponha-se o ferrête no Réo, ja que he incorrigivel, e naõ se diga estarem os costumes, e a Literatura Portugueza em tal decadencia, e depravamento, que he I. A. bem querido, e acreditado por seu Coripheo.

Quanto ao que de sua vida (por vóz da Fama) reláto no corpo do Poema, huma vez por todas fique dicto, que (exceptuando os adornos Poéticos, fáceis de conhecer) he tudo verdade, e ainda naõ digo tudo: talvez deveria ajuntar-lhe mais copiósas Notas, porem ellas saõ sempre fastidiosas para quem as escreve, e he de recear que o sejaõ para quem as lê; contentei-me por isso com as que julguei de absoluta necessidade, &c.

AGOSTINHEIDA.

CANTO I°.

Eu, que, nos sons de Clio, ou nos de Eutérpe,
Ou já nos de Melpómene, cantava
Prazeres, e paixões, virtude, e gloria;
Agora, zombeteiro flauteando,
Canto o *Camões da Rua da Bombarda* *
Que, d'Epico furor doudo varrido,
Póz do Velho Camões a calva á-mostra, †
Expondo aos Mares novamente o Gama.
Deste furor as cauzas me revéla
O' Deosa, ó Nynfa, ó Musa galhofeira;

---

* Sitio aonde móra *Joze Agostinho de Macedo.*

† Hé a propria phrase de que usa *J. A.* em seus *Solilóquios*, ou, melhor disseramos, *Stultilóquios.*

A' bre-me os Cofres teus, e entorna a-froxo
Aureas facécias que com maõ profúsa
Soltaste outr'ora no Lutrin, no Hyssópe.
Vós que folgais de ouvir bem celebrados
Em fúlgida dicçaõ Heróes sublimes,
Ou acoçados com feliz sarcásmo
Os avessos Heróes, vaidósos nescios;
A meus Versos prestai attento ouvido,
E lédos ouvireis donósas prendas
Do Heróe-Caturra que em folgaã poesia
Farei crédor d' eterna surriada.
Era no tempo quando em óbra accèsas
As túrmas Bacchanáes se lisongeaõ
Com a nudèz das cêpas, e rangîa
A pérra vára do lagar cheiròso;
Entrava em Libra o Sol, correndo o anno
Dezoito vezes cento, e ja mais onze:
Entaõ (segundo crê o Vulgo errado)
Tristissimo preságio de ruînas
Hum hórrido Cometa fulgurante,
A Lusa atmosphéra incendiando
Pelos Ceos estendeo disforme cáuda;

E entaõ (conforme os Doutos tem julgado)
Inéptissima cáfila de asneiras,
Mais hórrido Cometa, o *Livro Gama*,
O Parnasso, e Lisbôa enfastiando,
Foi nas maõs do Corcunda expôsto á venda:*
O Gama, indigestissimo Poema
Que indignaçaõ, e riso a hum tempo excita;
Pois tres R R R. levou do Pai das Musas,
E tem tres A A A. de hum Sabichaõ, de hum
Lente!
Assim, na mesma tarde, hum Estudante,
Por naõ encarrilhar com som cantante
O nescio ram-me-ram da párvoa Eschóla,
Depois de ser com bôlos derreádo,
Se fino adulador lhe busca as baldas,
Apanha alguns perdões do chôcho Mestre;
Ou tal, da picaria flagellado
Hum Potro rebellaõ, inda escorrendo

* Hé verdade sabida o haver pelo mesmo tempo apparecido o Cometa Natural, e o *Comèta Métrico*, ou *Poema Gama* de *J. A. de Macedo*, cujo Editor foi Desidério Marques Leaõ, Homúnculo Corcunda, com Loja de Livros no Largo do Calhariz.

Té-baixo aos curvilhões em branca espúma,
He na cavalhariça regalado
Pelo Moço boçal, que o arraçóa
Affagando-o c'o a maõ na táboa, e testa.
  Mas, vendo ferózmente atassalhado
Por néscio Zoilo o Lusitano Homero,
A Razaõ, e o Bom-Gosto (estimulados
De que ao Cynismo a Prepotencia unîda
Lhes tolhesse justissima vingança)
Chamando em seu auxilio a Liberdade,
Todos tres de-maõ-dada se travâraõ
Das álvas plúmas immortaes da Fama,
E todos juntos a-huma-vóz clamáraõ:
" Tu que com ázas cento o espaço abranges,
" Com cem ouvidos quanto passa escútas,
" E por cem ólhos vês, cem bôccas fallas,
" (Sem que nunca o cansaço te quebrante
" Sem que nunca a molleza te domine,
" Nem languido Morpheo teus membros toque)*

---

* ....Cui quot sunt corpore plumæ
Tot vigiles oculi subter................
Tot linguæ, totidem ora sonant, tot surrigit aures,
......Nec dulci declinat lumina somno. *Virg. En. L. 4°.*

" Dize, ó Diva, com que arte escandalósa
" *O Zoilo de Camões* tem conseguido
" Morder, e enxovalhar no Prélo o Mundo,
" Sem que lhe póssa alguem mostrar no Prélo
" Suas inépcias, e a ignorancia sua :
" Dize quem he por indole, e linhagem
" Aquelle que escrevèo os Solilóquios,*
" E deitou a perder de Horacio as odes ;†
" Aquelle Escrevedor *Petrus in cunctis*
" Que de Zaïda a trágica salsada ‡

---

* *Solilóquios*, ou *Motim Literario*, apontoádo de malédicos destempèros, em que Voltaire he tratratado por, Charlataõ de Freney; e assim muitos outros homens reconhecidamente illustres por seu saber.

† Deitou-as a perder em huma pessima Traducçaõ com huma Prefaçaõ insolentissima; porem tal corrimáça lhe deraõ que tirou da Imprensa o 2º. Tomo das Epistolas, e Sátyras : esta Traducçaõ foi a primeira Obra com que J. A. aspirou á celebridade, e a geral desapprovaçaõ lhe provocou a raiva que tem babado em huma alluviaõ de Folhetos ineptos.

‡ A Tragedia *Zaïda* fez-se especialmente Notavel por huma longuissima, e renhidissima scena entre hum Mágico e hum Spéctro : J. A. que provavelmente se arripiou com a scena excellente da Semiramis de Voltaire, quando surge a Sombra de Nino

" Alinhavou, e a cómica *Clotilde;**
" Aquelle...em fim, *Elmiro, o Auctor do Gama:*
" Dize quando, e por quê, e o modo como,
" Que Génio máo, das Musas inimigo,
" Ou que Fúria o tentou com tal Poema;
" Quem lhe deô tanto orgúlho, e quem lho affaga;
" Porque tem cabimento este Homem-Mónstro,
" Que trovèja impropérios, e invectivas,
" E, havendo inçado a Capital de crimes,
" Capital protecçaõ se lhe facúlta."
Aqui a Deosa, Mãy das novidades,
Como quem do que ouvio se des-contenta,
As infladas bochèchas assoprando,

---

presumio imitalla; porem, como absolutamente carèce daquelle gosto delicado que requérem as boas Artes, e com especialidade a Poesia, sem conhecer que a rapidèz da appariçaõ, e do ameaço contribuio admiravelmente para o bom effeito desta Scena, metteo em discussaõ o Mágico com o Spectro, e com tanta impertinencia que todos se riraõ da Tragedia, e inda mais de seu Auctor.

* *Clotilde* foi huma Comedia cujo assumpto J. A. extrahio dos Fastos de Aragaõ, e que recheou de muitos, e indignissimos *Solilóquios*, quebrando todas as regras do decóro, e da verisimilhança.

Dá hum surdo gemido, e assim responde:
" O' Cópiá augusta, por quem mais me aprázo
" De empregar amplamente as vozes minhas,
" Neste século infausto, e sanguinòso,
" Taõ negramente de prodigios fertil,
" As minhas boccas cento apenas podem
" Narrar os feitos que convem sabidos;
" E contar largamente os criminósos
" Segrèdos, e mysterios quasi incriveis
" Da vida atróz, dos péssimos costúmes,
" Da ignorancia, ousadia, e fatuidade
" D'esse Homem Monstro que injurìa os Homens,
" *Naõ menos he trabalho que grande erro,†
" *Ainda que tivesse a voz de ferro:
" *E para dizer tudo, temo, e creio
" *Que qualquer longo tempo curto seja;
" *Mas, pois o mandas, tudo se te déve,
" *Hirei contra o que devo, e serei breve."‡
*Promptos estávaõ todos escutando

† Camões, Lusiada, Canto 5°. Estancia 16ª.
‡ Cam. Lus. C. 3°. Est. 4ª.

*O que a palreira Deosa contaria ;†
Quando (bem como hum Barco em maré frèsca
Que das vélas só huma des-envérga
Dos ventos á feiçaõ) fechando, cála
Ametade das bôccas com que falla
Votadas à Mentira; ábre espaçósas
As outras cincoenta; e, a voz alçando,
Começa a propalar duras verdades,
Que, pela minha Musa repetidas,
No armazem opulento da Memoria
Guardei cuidóso, para expòr jucundo
Materia vasta de que ria o Mundo.
Na famósa Cidade, em outras Eras
Dos Romanos *Pax-Julia* nomeada,
Onde, d'illustres Pays, Engenho illustre
Nasceo, para ganhar hum nome eterno,
O Escriptor Portuguez Freire de Andrade;
De Pasteleiro Pai, se a Mãy naõ mente, ‡

---

† Imitaçaõ de Cam. na Est. 3ª. do 3º. C. da Lus.

‡ Gregorio de Macedo, que se disse Pay de J. A. éra hum máo Pasteleiro em Beja.

O Poeta-Orador, o *Ex-Frade Elmiro*
Nas ilhárgas de Angélica gerado,†
Coaceou burricalmente alli hum anno
Nutrido a restos de pastel sediço;
Tinha prefeito o Sol no ethéreo curso
Cem vezes dezesete inteiros gyros
*Com mais cincoenta e nove em que corria;‡
Quando este avesso Heróe, grunhindo, os olhos
Infaustamente abrío á luz primeira;
E, apenas pelos ares tenebrósos
(Que na quelle momento ennegrecêraõ)
Na vóz da Infamia re-soou medònho
O agouro de seu tòrpe nascimento,
Mais ligeira do que huma ventoïnha
A cégа Deosa que govèrna em Ancio,
A's maõs ambas filando-se no engenho,
Pegou a des-andar na lève róda
D'onde aos dúbios Mortaes á-tòa espalha
O gosto, e o des-prazer, os bens, e os males;

---

† Angelica Rosa teve por nome a May de J. A.

‡ Imitaçaõ de Cam, na Est. 2ª. do 5º. C. da Lus.

E, depois de ja muito esbaforida
De dar de engonço á rápida munhéca,
Exclamou " Tu, que vens sem meu auspicio
" Tentar da vida os ásperos caminhos,
" Andarás de cu-ròto, e pé-descalço
" Gandayando em sonóras enchorradas;
" Apóstata serás, e hirás fugido
" Tocar os Burros na ronceira estrada;
" Em tudo fallarás, sabendo nada;
" Como hum Caõ ladrarás a todo o Mundo,
" E de Ti dirá mal o Mundo todo;
" Da Moral, da Razaõ, e do Bom-Gosto
" Viverás sempre alheio, e desviado
" De tudo o que se chamaõ bons caminhos,
" Ou, se algum por accaso enfiar quizéres,
" Dest'arte sempre me acharás virada."
Disse: e a róda fatal, que o Mundo azoina,
Com o ímpeto do impulso recebido
Inda rangia, volteando no eixo;
Eis de cabeça-cháta, e longos córnos,
Lívido o rosto, e os olhos encovados,
Negra—espaçósa—bócca—desdentada,

Com lingua venenósa, angui-farpada,
Deforme—corpo—esguio, e derrengado,
Unha adunca nas maõs, e únha na palma,
De Cabra os pés, de Noitibó as azas
Hum Genio á Deosa se appresenta, e diz-lhe:
" O' Deosa, sem a qual tudo hé lamúria,
" Consente que eu, os córnos abaixando,
" Te inquira se ao Mortal recem-nascido
" O teu favor, ou des-favor resguardas?"
Mal proferio as ultimas palavras
E a Deosa, des-cahindo a sobrancelha,
*A bocca, e os cegos ólhos retorcendo
*E dando hum espantòso, e grande brado,
*Lhe respondeo com vos pezada, e amára,
*Como quem da pergunta lhe pezára :†
" Sabida cousa hé que eu naõ protejo
" Quem naõ sabe dobrar-se aos meus caprichos,
" E sempre o meu favor he denegado
" A quem sem meu Auspicio, e meu acèno
" Ousa entrar no Mundano-labyrintho:

---

† Cam. Lus. C. 5°. Est. 49ª.

" Mas quem hes Tu? Porque razaõ me inquires?
" O Desaforo eu sou (lhe torna o Genio)
" Que por decreto do immutavel Fado,
" Em lugar de Lucîna, hei presidido
" Ao natal do Pequeno Pasteleiro;
" E, assim que elle nas garras da Parteira
" Deo, ferido da lúz, e do ar mais frio,
" Os primeiros dois bérros, que voáraõ
" Pelas fendas do tecto arruinado
" A quebrar-se na abóbada do Mundo,
" Disse-me o Fado entaõ:"——Essa Lesminha,
Que assim pelo abrutado, e monstruòso
Parece parto de Urso, ha de por tempos
Ser hum dos teus Alúmnos mais pasmósos;
Terá hum taõ sem-par descaramento
Que a todos ganhará por descarado;
De forma que, sendo elle no juiso
Taõ bom como na cára foi Thersites,
Naõ haverá ninguem mais orgulhôso,
De tanta presumpçaõ, e atrevimento,
*Posto que em todo o Mundo, de affrontados,

*Resuscitassem todos os passados!§
Ha-de tudo approvar que os mais condemnaõ,
Tudo ha-de condemnar que os mais appróvaõ;
Nem Homem haverá, nem Obra boa
Que elle naõ envenêne, ou que naõ rôa!
Detrahindo Vieira, ha de rouballo;†
Deturpando Camões, ha de seguillo,‡
Bem que nas suas mingoádas phrases
Ridîculo se torne, ou des-airòso
O que he bello em Camões, ou magestòso;
E, para coroár seus devaneios,
Em regrinhas mais curtas, e mais longas,
De longo destempero recheadas,
Comporá huma cousa que, de alcunha,

---

§ Cam. Lus. C. 2°. Est. 55ª.

† Vejaõ-se os Sermões (alias Pasteis Oratórios) de J. A. e achar-se-lhe-haõ largos roubos ao nosso doutissimo Orador Antonio Vieira: vejaõ-se os seus *Solilóquios*, e notar-se-lhe-haõ mil grosseiros insultos ao mesmo Vieira.

‡ Hé impossivel dizer mais disparates do que J. A. em descrédito de Camões; mas he tambem impossivel que alguem compuzesse hum Poèma sobre o mesmo assumpto, e que mais, e taõ infelizmente lhe seguisse a pista.

Ha de chamar Poêma, presumindo
Emendar o Camões com maõ de Mestre:
Em-fim, ésta Lesminha-Pasteleira
Será da fatuidade o *Non plus ultra*,
Consumado prodigio da maldade,
E da pouca-vergonha o *Totum continens*;
Tu serás seu Mentor, e seu modèlo
De pensamentos, de palavras, e obras,
Em quanto, para azoino dos pexótes,
No rol dos vivos negrejar seu nome.——
Dest'arte o Fado se me abrio: ó Deosa,
E eu, que ante-vejo a núvem de sarcasmos
Que começa a engrossar sobre a cabeça
" Do meu novo Educando; eu, que ante-vejo
" O ódio, e desprèzo com que a Gente-bòa
" O tem de contemplar, arreceando
" Vello em tanta tormenta soçobrado
" Rógo os teus dons, o teu auxilio implóro:
" Protége o meu Alumno, e eu te prometto
" Que, por minhas lições, elle se dóbre
" Volúbil como o vento, ou como as ágoas
" Prompto sempre a servir os teus caprichos."

Como quem de huma grave Personagem
Ouvio proposiçaõ que naõ lhe agráda,
Mas por força do empenho al-fim se move,
E, alevantando a vista mal-segura,
Annúe, rompendo a vóŝ c'hum falso riso;
*Assim, depois de hum pouco estar cuidando,†
Prosegue a Deosa que faz tudo á-tòa:
" Esse abjecto Mortal por quem me imploras
" De toda a protecçaõ se faz indigno;
" Mas, pois que tanta vez tem visto o Mundo
" Alliada a Fortuna ao Desafôro,
" Desta alliança os láços se reforcem,
" E appresente-se ás barbas de Lisbòa
" Hum Phantasma de Sabio, hum Nescio, hum
Zoilo,
" E este seja o *Macedo—Espinha—Filho,*‡
" (Algum dia será *Padre—Lagosta*)§

---

† Cam. Lus. C. 3°. Est. 3ª.

‡ O dito Pai de J. A. teve de alcunha *O Espinha.*

§ Naõ he alvitre meu, assim chamaõ a J. A. por allusaõ ás suas alentadas, e vermilhissimas bochèchas.

" Literario Quixote com seu Sancho,‡
" Dizendo, e des-dizendo, e profanando
" Leys da Razaõ, e mimos do Bom-Gosto;
" Sem que a nenhum vivente se permitta
" Combater seus delirios, desfazendo
" As trevas da Ignorancia, e alimpando
" Das nódoas do Cynismo as Bellas-Letras."
Mal que isto ouvio, babando-se de gaudio,
Deo tres voltas no ar o Desaforo,
*Regamboleando a fofa, ai tôna! ai tôna!†
E, serenádo o infame regozîjo,
Mais lhe interroga a variavel Deosa:
Sabes Tu quanto cumpre ao teu Alumno
" Por que possa alcançar táes privilégios?
" Optimamente (tórna o Desafóro,
" Mui cortêz inclinando a córnea fronte)
" Necessita empregar juntas, e sempre

---

‡ J. J. P. Lopes (actual Redactor da *mdgra Gazeta de Lisboa*) faz para com J. A. em Literatura as vezes de Sancho Pansa com D. Quixote Cavalleirescamente, sendo huns pela penna, o que foraõ os outros pela espada.

† Filinto Elysio, Tom. 5°.

" Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
" Audácia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja
" Com toda a Estygia cópia, e ter a lingua
" Mais devassa do que huma taramella;
" Por que o muito fallar engóda o Vulgo,
" E só por fallar muito os nescios cámpaõ:
" Porem, como éstas Donas que refiro,
" E as outras, que, do Inferno desertoras,
" Andaõ sempre na Còrte em valimento,
" Ou saõ minhas Irmans, ou Sócias minhas,
" Eu as farei chegar para o Pequeno,"
E, com todo o seu prestimo, servillo.
Eia pois, Desaforo, maõs á obra:
(Instou a Deosa d'olhos de Toupeira)
" Ha certos contra-tempos a que eu julgo
" Naõ poder esquivar o teu Alumno;
" Por exemplo, aos labéos que imprime a Fama
" Naquelles que entre os Vicios professáraõ,
" E aos apódos, apúpos, e motejos
" Que re-vôaõ contînuos na bochecha
" De hum pedante Orador, de hum máo Poeta,
" Ou de hum Auctor iguáro, e presumido:

" Mas que isto assim succeda importa pouco,
" Pois, seguindo elle á-risca os teus dictames,
" Eu te affianço que terás de vêllo,
" Já por déz lustros enrugado, e russo,
" Sob os auspícios de hum chapado Lente,
" Inda accèso a compôr de várias castas,
" Por falta de Sermões, nescios Folhetos."
Dicto isto, o Desaforo, arreganhado
Com jubilòso riso, encrúza os braços
A' Mourisca maneira; inclina os cornos,
Que quasi hiaõ abrindo á Deosa os ólhos;
E, o calcanhar caprîno aligeirando,
Rápidamente deo a volta, e foi-se.

FIM DO 1° CANTO.

CANTO IIº.

Pouco-a-pouco do cume das montanhas
Vinhaõ cahindo mansamente as sombras,*
Quando, da cega Deosa despedido,
Calcurreou folgáz o Desafòro
A dar por óbra a meditada empreza.
Angélica no-em-tanto espartejada
Continuáva as lidas-pasteleiras;
E para accommodar o Pastel-vivo,
O fadado Filhinho resingueiro,
Que todo se torcia, e que entoáva
Hum desatinadissimo berreiro,
De huma nesga da fralda, e de hum barbante
Fez hum atado da feiçaõ de ròlha,
E, de óvos, e de assucar recheado,

---

* Majores que cadunt altis de montibus umbræ.
Virg. Ecl. 1ª.

Encaixou-lho na bocca: dando hum guincho
Muito repinicado, e sonoròso
O Rapáz, mais ligeiro que hum cabrito
Abana o rábo quando chúpa a teta,
E repête berrando as focinhadas,
Aggarou-se na rôlha co' as maõs ambas,
E, ja mais manso, ensarilhando as pernas,
Resfolgou fadigòso, resmungando
A chuchurrubiar na teta falsa:
Entaõ a Mãy, sorrindo-se de gosto,
Deo-lhe hum beijinho, ergueo-se, e muito lésta,
A-tráz traçando a sáia, arregaçou-se,
E preparou com todo o primor d'arte
Hum lombo de Carneiro em vinha d'alhos:
O Mestre (e feliz Pay, se fez tal Filho!)
O Espinha, por seus môlhos memorando,
Andava azafamado requentando
Huns Arenques, que tinhaõ sobejado
Da véspera ao jantar; e, como a Noite
Ja neste tempo, abrindo as fuscas ázas,
Vinha espalhando hum doce des-alento
Mensageiro do somno, que restaura

Às forças lassas da diúrna lida,
Angélica, dando ais de fatigada,
Foi sentar-se co' a Lesma aopé do forno,
Aonde entaõ o pinho resinôso,
Em roxas labaredas ondeando,
D'espaço-a-espaço fúlgido estalava:
" Dame cá o pequeno taboleiro
" (Disse para o Marido) onde costúmas
" Mandar jantáres para os teus Fréguèzes;
" O nosso Filho he muito máo, naõ pára,
" Tem-me quebrado os braços; se naõ dorme
" Naõ sei como ha-de ser, tenho a cabeça
" Quasi-quasi esvaïda, estou mui fraca;
" Vamos vèr se adormece deitadinho
" Dentro do taboleiro, pois naõ temos
" Hum berço, e tens com óvos a canastra!"
Disse: e, envolvendo-o n'hum farrapo antigo
Resto saudoso, sórdido fragmento
De huma saia de chança-domingueira,
Estófa o taboleiro com rodilhas,
E appresenta-lhe a quelle ricco prato
Que tinha de sahir taõ boâ prêa!

Depois no cotovèlo recostada,
As estiradas tetas repuxando,
Amamenta o Heróe, e a pouco-a-pouco,
Fechando os ólhos, languida adormece.
Como, se em meio gyro a Noite vôa,
E ouve balir as pávidas Ovelhas,
De feróz alegria assalteádo
Enróla a cauda na carreira hum Lobo,
E em-redór do curral vai, vem, e torna
Por a qui, por alli buscando, e vendo
Por onde, naõ cuidado, salte, e emprégue
Em pingue Rèz o dente sanguinòso;
Tal, ouvindo a chorósa molliana
De seu prezado Alumno *o-tenro-Espinha*,
Andava o Desaforo affogueado
No empenho de influir-lhe a propria astúcia;
E, por naõ perder tempo, foi-se aos Paços
Onde suas Irmans, e sócias suas
Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
Audácia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja
Com as outras Estygias companheiras
Em plena Corte assazonávaõ crimes:

" Vinde (lhes diz) por nossa gloria o mando:
" Na potente Provincia d'Alem-Tejo,
" Abastada c'os dons da loura Céres,
" E sempre ufana de Mavórcios louros,
" Há huma por mil titulos Cidade
" Desde as Eras de Roma já famósa;
" De misèrrimos Pays em tórpe alvérgue
" Nascido alli, eu tenho hum Educando
" Pelo qual consultei Fortuna, e Fados,
E por minhas Consultas hei sabido
Que a todos Nós resultará grande honra
" Dos impios feitos, e das nescias óbras
" Com que por vário modo em tempo vário
" Elle há de nauzear Lisboa inteira,
" Inda depois de frios lhe pezárem
" Bons cincoenta Taneiros no cachaço!
" Eia, minhas Irmans, por nossa culpa
" Naõ deixe de contar pasmado o Mundo
" Mais hum Heróe d'insigne desafòro:
" Este meu prezadissimo Educando
" Quero que fique sempre memorando;
" Pois se as Virtudes no louvor naõ morrem,

" Os grandes crimes naõ esquecem nunca,
" E o nome d'Herostrato he mais sabido
" Pelo incendio do Templo de Diana
" Que o do grande Architeto Tesiphónio
" Auctor daquella Ephésia maravilha:
" Quero em fim que este meu pasmòso Alumno
" Seja hum composto tal dos vicios todos
" Que hum Homem viciòso naõ pareça,
" Pareça o proprio vicio em gesto de Homem !*
" Eia, naõ se retarde a nossa gloria:
" Em quanto he tempo, vamos; naõ succeda
" Que algum-Genio-do-Bem vá bafejallo,
" Infundindo-lhe n'alma os sentimentos
" Que podem estorvar nossos projectos:
" Eia, minhas Irmans, a Beja, a Beja."
Apenas proferído o atróz discurso
Negro voô bateo o Estygio bando,
E na aérea carreira tenebrósa
Horrenda saudaçaõ lhes entoáraõ
Juntas piando as Aves agoureiras.

---

* Mentitur qui te vitiosum, Zoïle, dixit:
Non vitiosus Homo es, Zoïle, sed vitium. *Mart.*

Ergue os ólhos, Calliope, e fagueira
Com teu benigno olhar, teu almo riso
Inflúe-me aquelle fogo moderado
Que esperta a narraçaõ, e a faz graciósa:
Dá-me hum raio da luz com que inflammaste
*Esse que bebeo tanto d'agoa Aónia,
*Sobre quem tem contenda peregrina
*Entre si Rhode, Smyrna, e Colophónia,
Athenas, Chios, Argo, e Salamina;
Com doce fluidèz meus labios marrem
A facéta dicçaõ, o estylo argúto
Em que o cantor de Achilles descantára
Das Rans e Ratós a renhida guerra.

Ja do materno leite saciádo
Aquelle tempo o Heróe no taboleiro
Tinha, mamando em vaõ, largado a teta,
E ficado a dormir de bocca aberta:
De lenço na cabeça o *Mestre-Espinha*,
E de perna traçada, resomnava

---

* Cam. Lus. C. 5°. Est. 87ª.

Recostado na banca da cosinha;
Em perfeita mudêz era a Bodéga,
Quando sobre ella re-voou, pousando
Co' as Estygias Irmans o Desaforo:
A Adulaçaõ primeiro, que respira
Toda a aura das caricias, foi entrando;
E, muito compassada, e airósa dando
Tres voltas de-redór do Heróe dormente,
Com sereno bafejo insinuou-lhe
Seu seductor espirito maligno,
Que o profundou n'hum somno saboroso:
Seguio-se-lhe a mordáz Maledicencia.
Manancial de atrózes invectivas,
E arteira de atrocissimos dicterios;
Que aos ouvidos do Heróe resmoneando,
O fez caramunhar quasi acordado;
E, latindo feróz como hum Rafeiro,
De Cynico furor eivou-lhe os téstos:
Eis que esvoaça com falláz Zumbido
A sempre inquieta, turbulenta Intriga;
Que, mui velóz mechendo, e re-mechendo
D' huma, e d'outra rodilha as dobras todas,

E roçando co'as unhas brandamente
Nos graves pés do Heróe recem-nascido,
Perpétua inquiétaçaõ calou-lhe n'alma:
Salta logo de anquinhas, e donaire
Marchando a Presumpçaõ empavezada,
E caminha após ella a Audacia, impando
Corcunda por-de-traz, e por-diante;
Avança cada huma por seu lado;
E, pegando a soprar, no tenro Alumno,
Por tal arte o fizéraõ que ind'agora
Passêa sempre de bochecha infláda:
Vai depois, em feiçaõ d'immunda Serpe,
A Perfidia, aos corcóvos, rastejando;
Enrósca-se no peito, e na garganta
Do *pequenino—Heroe—desaforado;*
Torce o rabo; e, mettendo-lho na bocca,
Elle cuidou ser teta, e foi chupando
Todo o veneno que inda vérte agora:
Ultima entrou, co' a vista arrevezada,
Frenética ullulando, a torpe Inveja;
Contorce os membros lívidos; espuma
Toxico, e fel; raivósa os dentes range;

E co' a farpada lingua venenósa,
Que ao venenôso Escorpiaõ imita,
Tres vezes zargunchou no esquerdo lado
Do *Heróe-mamaõ;* que, vendo-se avexado,
Bufando enfurecido, como hum Touro
Com garróchas de fogo no cachaço,
Ou mordido da Bêspa em dia estivo,
Com longos berros d'inflammada guéla,
Mui dissonantes do infantil vagîdo,
Tanto vibrou na casa o ar ambiente
Que apresentou com a candeâ em terra,
E foi tombar ao canto a vinagreira!
Co' as heroicas rajadas aballado
Estremecendo o tecto mal segúro,
Em parêdes de taipa descançado,
Corria e telha-vaâ, e appresentava
A pedaços o Ceo por entre as ripas:
Pelas fisgas da porta carunchósa
Os ares impellidos sibilávaõ
Como quando hybernósa tempestade,
Enegrecendo o Ceo, revolve os Mares,
E irados, e forçósos pelejando

" Noto, Austro, Bóreas, A'quilo parecem
" Arruinar a machina do Mundo!"*
N'hum redomoinho andava a casa toda:
Mas, assim que elle deo os ais primeiros,
Batendo descompostas gargalhadas
O Estygio bando re-voou, sahindo:
Voando os monstros c'o estridor das azas
O medônho ruido accrescentávaõ;
E, vaidôso applaudindo o agouro infausto,
Clamou o Desaforo, encarquilhando
Tábidas fáces com protervo riso:
" Exultai, Sócios meus, que o meu Alumno
" Será hum taõ perfeito Sycophanta,
" E hum Cynico será taõ accabado
" Que nas taes prendas toda a Grecia encóve."
Porem o Heróe, co'a bocca escancarada
Dobrando os sons, des-atinado berra;
E, ao pavorôso estrépito accordando,
Naõ bem desperta, *Angelica* presume
Que algum faminto canzarraõ raivôso

* Cam. Lus. C. 6°. Est. 76ª.

Em vêz de empada lhe trincava o Filho:
Assenta-se a tremer, e logo exclama:
" Ai! o meu ricco Filho, coutadinho!
" *Espinha*, accode cá, traze a candêa."
Assim dizendo carinhósa os braços
Lança ao chorôso Heróe, que estravejàva
Fóra do taboleiro perneando,
Qual, sahindo do curro, hum Boi furiôso
Que se embrulha, se estende, e se revolve,
Por se erguer forcejando, ate que torna,
Mugindo, a dar mais fervîda investîda:
*Naõ sabe nesta pressa quem lhe valha †
Angélica; e, entendendo accommodallo
Se lhe impingisse a teta, a teta puxa;
Vai a unillo comsigo, e o Heróe, raivando
Cada vez mais das Furias avexado,
Préga-lhe huma valente mordedura, ‡
E avança-lhe co' as únhas muito abertas
A' desgrenhada trança, que estalando

† Cam. Lus. C. 2°. Est. 25ª.

‡ Todo o Mundo sabe que os Heróes nascem com dentes.

Fica nas maõs do Heróe quasi em triumpho,
Como ja nas maõs d'Hercules ficáraõ
Os pullulantes restos tremebundos
Das Hydras que no berço destroncava!
Entaõ com susto *Angélica*, e com dores
(Inda mais que na hora em que o pario!)
Grita, e torna agritar "Ai! o meu peito!
" Espinha, naõ me acoodes? O Pequeno
" Entrou-lhe cousa-má...Pois que he la isso?
(Responde o *Mestre-Espinha* a espreguiçar-se)
" Saõ Bruxas que me deraõ co' a criança,
(Torna *Angelica*, afflicta vozeando)
" Certamente saõ Bruxas: estas raivas
" Saõ sobre-naturaes. Ui! e a candêa
" Taõ cedo se apagou! Esta hé bonita!
" Deixa-me petiscar." Resmoninhava
C' o somno estonteado o *Mestre-Espinha*:
E logo, abrindo a bocca, e dando aos hombros,
E coçando-se muito nas ilhargas,
Foi ás apalpadellas procurando
Na sebenta, e deserta prateleira,
No lodôso pojál dos çujos pótes,

E debaixo da banca mal segura
A caixinha da isca; mas debalde,
Que, como a casa andou n'hum redomoinho,
Adeos isca, adeos méchas; e a criança
Bérra cada vez mais, e mais teimôso*
Do que em Maio bem pardo, e bem ventôso
Estala pelos Ceos repercutido
O medónho trovaõ! Da noite o medo
Cresce co'a voz do Herôe; ja naõ se entendem
Seus besuntados Pais; ja qualquer delles
Reforça quanto pode a voz, e ficaõ
Azaranzados, tremulos, medrósos,
Patétas, sem saber o que hum quér d'outro.
Moráva logo alli parêdes-meas
Huma Velha mui nédea, e mui Doutora,
Que dizia guardar certas Reliquias
De certa, efficacíssima virtude

---

* Hé tanto Enállage como em Cam. na Est. 24 do 5°. C. da Lus.

Mas ja o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes appressada, &c.

Contra todas as castas de bruxedo;
E nesse mesmo dia por acêrto
Hum Donato, que andava ao peditóro
Foi pernoitar a cása da tal Velha.
  A Filha da Preguiça, e Mãy do Engano,
A palreira Ignorancia aventurósa,
Sempre c'o Desaforo officiósa,
E neste seu Alumno embasbacada,
Ha muito que espreitáva o como, e o quando
Pudesse em seu serviço obter entrada;
E mui leda, e mui lesta approveitando
Taõ boa occasiaõ, parte de tróte,
Convóca a Reverencia; e logo, em forma
Huma da Velha, e do Donato a outra,
Vaõ, de Lanterna, e de Saccóla armadas,
Bater á porta, onde rebomba o éccho
Das tres confusas, dissonantes vozes:
" Abra a porta, Visinha" (clama a Velha
Em que vinha a Ignorancia disfarçada)
" Aqui tem luz: coutada! que tormento
" Lhe tem dado esta noite o seu Menino
" Naõ poder socegar! Isto saõ Bruxas:

" Ora de-me esse Anginho, que aqui trago
" A Bolsa das Reliquias, e ind'agora
" Teraõ mais prompto effeito, pelas rézas
" Do senlor Reverendo." Assim dizia,
E pegando do Heróe o acalentava;
E logo a Reverencia mui devóta,
Pondo-lhe a esquerda no alto da cabeça,
Co' a direita huma bençaõ lhe atravessa,
Com bulliçósos beiços murmurando
Em sibilado som por entre os dentes
Certos tons variados sem palavras,
Imitando do Chôro a gritaria.

Como quem, da Tarantola mordido,
Naõ pode repousar se naõ escuta
Cadentes sons de Cythara suave;
Assim o Heróe, da Inveja zargunchado,
Só repousou nos braços da Ignorancia,
Ao som da cantilena que entoáva,
Fazendo-lhe segunda a Reverencia.
" Deos lho pague, Visinha, Deos lho pague:
(Mui de mansinho *Angélica* dizia)
" Elle ja dorme."—Quasi. Torna a Velha,

E embalando-o nos braços o bafeja.
Entaõ, pondo-se em pé muito direita,
C' os ólhos ao divino em alvo póstos,
A Reverencia encrúza-lhe tres bençaõs,
E na parte onde he uzo abrir-se a C'roa
Unhou-lhe alguns delgados cabellinhos,
Que a Velha arrecadou co' as mais Reliquias
Para deixar o Heróe livre de Bruxas.
A este tempo o *Espinha*, muito crente
Em toda a Reverenda-piéguice,
Pondo os ólhos no chaõ, pede licença,
E, accendendo a candêa na lanterna,
Vai-se á gaveta, aonde chocalhavaõ
Alguns folgados cobres; muito humilde
Volta com hum vintem, e diz " Perdôe
" O Senhor Reverendo, que a pobreza
" Naõ me permitte mais." A Reverencia,
Muito risònha abrindo-lhe a Saccóla:
" Venha (lhe diz) que tudo he charidade;
" E, para premiar seus bons dezejos,
" Em minhas Orações eu lhe protesto
" De rogar que o Menino inda algum tempo

" Venha a ser hum dos Meus, e que em Lisbòa
" Dê hum famôso brado.—Sim (proségue
Arregalando os ólhos a Ignorancia)
" Eu nunca em meus prognósticos me engano,
" E agóra affoutamente prognostico,
" Segundo a grande força com que berra,
" Que o Menino ha de ser famigerado,
" E muito mais por tretas que por letras."
Estas, e outras taes lérias embutiaõ
A' estupefacta *Angélica*, e seu Homem,
Que de queixo cahido as escutavaõ;
E logo despediraõ-se, deixando
O Heróe muito sereno, e regalado,
Submergido no somno da Ignorancia,
A tomar huma longa raposeira,
Preságo de outras táes quaes toma agora.

FIM DO 2° CANTO.

CANTO III°.



*Agora Tu, Callîope, me ensina†
O que mais disse a Deosa-Trombeteira,
Apressada movendo os sabedores
Dobrados labios da rotunda bôcca.‡
  Corriaõ dias, e passavaõ mezes,
E *Àngélica* naõ tinha huma só noite
Em que dormisse hum' hora socegada;
Que de noite, e de dia, e mais, e sempre
O Heroe-mamaõ, das Furias avexado;
Naõ somente estrugia o proprio alvergue,
Se naõ que a visinhança amotinava!
Quantas vezes *Angélica*, esfalfada
De lidar sem descanço, e sem proveito,

† Cam. Lus. C 3°. Est. 1ª.

‡ ....Dedit ore rotundo
Musa loqui.................. *Hor. Epist. ad Pis.*

*Para O Ceo crystallino alevantando
*Com lágrimas os ólhos piedósos,
*(Os ólhos, porque as maõs pôem na cabeça
*Apertando-a co' aforça da amargura)
*E depois attentando no Filhinho,
*Que tanto lhe sahira endiabrado,†
Ao çujo *Mestre-Espinha* encasmurrado
Deixou cahir com pranto estas palavras :‡
" Ai! meu *Espinha*, eu muito bem conheço
" *Ser isto ordenaçaõ dos Ceos divina§
castigo nosso, que o peccado
" Comsigo traz a pena, ou tarde, ou cedo:
" Este nosso Menino foi gerado
" Do Creador contra vontade, e em tempo
" Em que éra para Nós hum beijo hum crime;||

---

† Imitaçaõ de Cam. na Est. 125ª. do 3°. C. da Lus.

‡ Effusæ que genis lachrimæ, et vox excidit ore.
Virg. En. L. 6°.

§ Cam. Lus. C. 4°, Est. 3ª.

|| *J. A. de Macedo* nasceo em 1759 antes do Matrimonio de sua Mãy Angelica Rosa com o dito seu Pay Gregório de Macedo, por aleunha *O-Espinha.*

" Oxalá, por hum gosto que tivémos
" Naõ nos dê o Pequeno mais desgostos
" Do que éstas noites más que nos tem dado."
Mas o Heróe, como o Macho dos Bernardos,
Hia crescendo aos palmos, e crescia
Nos dotes infernaes com mór sobejo,
Que seu grave Mentor, o Desaforo
Com próvida influencia naõ cessava
De aproveitar-lhe a indole pasmósa,
Tanto em seu natural propensa aos vicios!
Pay, nem Mãy, nem Parentes, nem Visinhos,
Nem Mestres, nem affagos, nem castigos
Naõ podem amansar o Tardinho,
Senhor de prendas taes que á-vista delle
Roberto-do-Diabo era hum Santinho!
Inda os dentes queixáes naõ tinha todos
Ja ganhava em malicia a déz Rapòsas!
E, na idade em que alguns inda innocentes
Cuidaõ pelo sobáco haver nascido,
Elle, ja certo na Materna-estrada,
Gentil Campeaõ da bregeiral-Palestra,
Destro em conca, e peaõ, bilharda, e pedra,

Com lingua de serpente, unhas de Harpya
Ganháva em honra ás do Rifaõ de Beja!
Contava ja o Heróe sette Janeiros,
Quando huma noite em sonhos lhe apparece
O seu Mentor na forma de hum Gigante;
E, abrindo ambas as maõs, que, se as erguesse,
Com ellas té á Lúa chegaria,
Mostrou-lhe n'huma hum Burro, e n'outra hum
Barco,
E disse, quasi em vóz de huma buzina:
" Levanta-te, *José*, e vem servir-me;
" Levanta-te, *José*. Este era o nome"
Com que o tinhaõ á-pressa baptizado.
O Heróe, abuzinado, arripiou-se,
E, inda mais que da vóz, pasmou do gesto;
Porém naõ se calou, que nessa idade
Ja tinha para tudo audácia, e labia!
E, no tom da malicia, mui pacato
Responde " Quem sou eu que taõ pequeno
" Possa ser servidor dessa Grandeza,
" E muito mais sem eu saber quem sirvo."
" Levanta-te, José (insta o Gigante)

" Tu podes, he meu gosto que me sirvas,
" E será teu proveito se o fizéres :
" Sou Genio grande de hum Lugar pequeno
" Que he sobre o Tejo situado, em frente
" Da formósa cidade de Lisboa ;
" Cassilhas he seu nome, e mui famôso
" Pelas grandes funções de burricada
" Que no tempo em que os Zephyros campêaõ
" Dalli se fazem annualmente á Costa ;
" Alli naõ estaõ nunca em ócio os Burros,
" Que a diaria Carreira das Faluas
" Continuamente leva, e tráz, e torna
" Com folgazôna turba cavalgante,
" Que deixa bons tostões nos taes folguêdos :
" Para alli te encaminha, que alli devem
" Começar teus trabalhos, e fadigas ;
" E dalli partirás para Lisboa,
" Onde se ha de acabar tua fortuna,
" E nas boccas do Mundo andar teu nome."
Assim dizendo, ameaçou de-léve
*Que lhe pregáva hum couce no vazîo :†

† Imitaçaõ do Hysópe.

Do ameaço terrivel espantado
O Heróe, pulando, grita, e nisto accórda.
" O que tens Tu, Rapáz?" (Accode o *Espinha*,
Que aos gritos despertou) " He que eu sonhava
(Responde o Heróe) sonhava que hum Gigante
" Me dava hum pontapé. Cal'te, marôto,"
(Rosna o casmurro *Espinha* mui zangado)
" Que eu te farei o sonho verdadeiro,
" Amanhaã te direi se a estas horas
" Se grita desse modo. Disse, e logo"
Virou-se, e com *Angélica* abraçado
Outra vez a dormir pregou dous roncos:
Porem ficáraõ bem no fundo impressas
Dos miólos do Heróe estas palavras
De seu sebento Pay; e, revolvidos
Na inquieta, affervorada phantasia
Os discursos, instancias, e ameaços
Do Phantasma Gigante de Cassilhas,
Entre susto, e esperanças duvidoso
Levou todo a scismar da noite o resto.
  Ja derramava pérolas a Aurora,
E no rôxo horisonte mil-córado

Os primeiros reflexos scintillavaõ
Da matutina alampada Phebêa:
Cada raio de luz que lobrigáva
Era hum dardo que n'alma lhe varáva
Do Heróe, que, d'alto-a-baixo revolvido,
Deliberou sublime; e, entaõ erguido,
Ligeiro em pensamentos e pégádas,
Foi-se á gaveta muito de-mansinho,
E nas rapantes únhas, costumadas
A taes expedições, trouxe hum cobrinho
Dos poucos que ella tinha; e muito ufano,
Já de-fóra da porta a-salvamento,
Comsigo arrazoòu desta maneira:
" Irra! o Senlor meu Pay, de maõ alçada,
" Pertenderá de mim fazer picado
" Com que rechêe alguns pasteis? Bem bastaõ
" As muitas vezes que me tem zurzido!
" Naõ me ha de pilhar mais; vou correr Mundo:
" E, se os sonhos, como eu já tenho ouvido,
" Do que ha de accontecer saõ certo agouro,
" E hum annúncio que o Ceo ás-vezes manda
" Para determinar a Gente incerta,

" Bem farei se me for por essas Terras
" Até que vá parar no tal Cassilhas:
" Pois vou." Rosnando assim, pôz-se a caminho.
E, luctando entre varias conjecturas,
O coraçaõ no peito lhe saltava.
Somente, vagaroso caminhando,
Tinha avançado o Heróe tres-nove passos,
Quando tres mui formosas Borboletas
(Núncias da Adulaçaõ, que o Desaforo
Enviava a esforçar o seu Alumno)
As azas multi-cores desdobrando
Re-lustradas co' a luz do sol radioso,
E encruzadas voando, e re-voando
Com suave sussurro sonoroso,
Nas orelhas tres vezes lhe roçáraõ,
E outras tantas na testa lhe pousáraõ:
Daqui tomou o Heróe jucundo agouro,
E foi mais ledo aligeirando o passo.
Mas, como o Rifaõ diz, e he muito certo
—Que a pobreza naõ póde dar fartura,
E nem a fòme cria bom cabello—
O Heróe que desta vez, como outras muitas,

Tinha a barriga unida co' as costellas,
Pouco antes de deixar aventurôso
Os turrigeros muros da Cidade,
Lembrou-se de contar o tal cobrinho,
E achou setenta reis "Bom! para hoje
(Disse entre-si, pinchando de contente)
"Já tenho que comer: vamos á Tenda."
Dicto, e feito: foi logo rebolindo,
E pedio paõ, e queijo; muito airôso,
Sobre o balcaõ correndo a maõ fechada,
A fazer co' as de cinco chocalhada.
Des-prevenido das heroicas manhas
Do *Espinhoso—Telémaco—Pacense*,*
Ithaco envêz d'enviozado ensino;†
Já o Tendeiro, no balcaõ pousando
Hum paõ grande e huma faca, se tornava
Para trazer o queijo; eis quando salta

---

* *Espinhòso* por se dizer Filho do *Espinha*, e *Pacense* por ser natural de Beja.

† Por que Minerva foi o Mentor do Filho de Ulysses, e o Desaforo o tem sido de *J. A. de Macedo.*

De hum negro, e grande, e gôrdo Gato em forma,
A-pro do seu Alumno, o Desaforo;
Mia assanhado, e horrendamente berra,
Despendúra huma rêste de cebollas,
Des-concerta as balanças, e as vasilhas,
Embrúlha-se nas pernas do Tendeiro,
E dá no chaõ com elle de-cangalhas.
Naõ quiz mais vêr o Heróe: dizendo "Sápe"
Tres cebollas, e o paõ á-pressa agarra,
E lá se vai taõ lèpido esgueirando
Que em-vaõ corre o Tendeiro, e grita, e busca,
Ja lhe naõ póde pôr a vista em cima:
Tanta foi sempre a sua ligeireza!
Eilo por essas Terras de jornada
Afortunadamente amiudando
Huns após d'outros os heroicos passos,
Todos de calcanhar assignalados;
Co' a barriga de farta sempre himpando,
E os seus setenta reis sem ter desfalque,
Pois sempre o seu Mentor lhe deparava
Novas occasioes de gatunice,
Que elle já como Mestre aproveitava:

Chega em fim a Cassilhas; e, lembrado
Do que o Gigante em sonhos lhe dissera,
Olhando a turba burrical que o cerca,
Por força de attracçaõ alli se fica.
Bem como o ferro ao iman apegado,
Ou leve palha ao transparente alambre.
  Da jornáda o Heróe ja vinha armado
De hum carapúço azul que surripiára,
E de huma cacheirinha de carrasco;
Estava prompto para a vida, e logo,
Camarada dos outros *Tóca-Burros*,
Na estrada começou a dizer "Arre."
O' Ancas-Burricaes, se vós fallasseis
Dirieis as lambádas furiósas
Com que elle vos brindou, quando era empenho
De servir com presteza alguns freguezes,
Ou quando a casquilhissima gualdrápa
Muito amarrada vos tolhia os passos!
Maz vós suáveis a-poder de arrôcho,
E elle enchia de cobre as algibeiras;
José de seus Patroes era a delicia,

E nenhum dos Rapazes de Cassilhas
Trazia tantos Burros a seu cargo.*
  Burriqueiro Andarilho decantado,
Ja entaõ, como agora, enthusiasmado
(Nas Helicóneas faldas babujando
O excesso das vertentes de Aganippe)
Ao Burro que mais quer, por mais andejo,
Nas horas de lazêr o Heróe compunha
Versos em prósa, e rythma! Eraõ prelúdio
De obra mais longa, versos mais chapados
Em que elle, ja depois de Burro velho,
Com métrica manía escouceando,
Da sua Musa, a Infamia, por conselho
Devia os Burros celebrar zurrando.†

---

* Naõ cuidem os pios Leitores que isto he peta: *J. A. de Macedo* foi taõ Heroe desde os seus primeiros annos, que, naõ contando ainda mais do que sette, fugio a seus Pays, e veio por essas Terras gatunando, ate se estabelecer Moço de Burros em Cassilhas; donde, para cumprir seus Fados, abalou para Lisboa, á gandáia.

† Allusaõ ao seu chamado *Poema dos Burros*, que tem apparecido manuscripto, accrescentado, e variado de máo para peor; obra

Que fazias no-em-tanto, ó çujo *Espinha*,
O' esfalfada *Angelica?* O teu Filho
Fez huma hida como a faz o fumo!
Debalde he procurallo: nem ao-menos
Apparece quem dê noticias delle,
E o último que o vio lá na Cidade
Foi o Tendeiro, que ficou roubado.
" Ai! o meu Filho (*Angélica* dizia)
" Meu ricco Filho, feito ás-escondidas,
" E jagora escondido para sempre!"
Trez vezes cada dia, quando menos,
Se repetia a mesma caramúnha;
Porem embezerrado o *Mestre-Espinha*
Ou naõ dava resposta, ou, quando a dava,
Por se ver livre delle os Ceos louvava.

---

cujo tedioso estylo, e malignidade saõ sobejos testemunhos para se reconhecer *J. A. de Macedo:* sem ter nem hum laivo dos chistes da Martinhada; tem igual indecencia, e he mais sórdido; dos preceitos Poeticos naõ se lhe ácha sequer hum; achaõ-se-lhe porem re-unidos todos os defeitos triviaes nas obras de seu Auctor; e dá sobre-tudo que admirar o calumnioso, e excessivo fel, que por toda ella está derramado em tanta cópia, que naõ se accreditaria, se J. A. naõ estivesse taõ conhecido.

Passou-se mais de hum anno, e fadigòso
Verdugo-burrical famigerado
Andava o Heróe nas palmas dos Freguèzes:
Mas ja nas portas d'alma lhe batia
O Desaforo novas aldravádas,
E do dezejo as cócegas teimosas
Naõ o deixaõ parar sem ver Lisboa
Nem tanto esta partida retardára
Se ás-vezes, cogitando na partida,
O largo coraçaõ naõ lhe apertassem
Ternissimas saudades dos Burricos.
Porem o seu Mentor, attento a tudo,
Que até os pensamentos lhe adivinha,
E quer aproveitar-lhe os bons dezejos;
Com gestos de Hortelaõ passa a cássilhas,
Vai-se ao Patraõ do Heróe, entra em ajuste
E compra o Burro que elle mais amava:
De seu primeïro Dono assim chamado
Chamava-se o tal Burro, *O Burro-Lopes;*
E, por influxo de amizade antigo,
De outro *Lopes* o Heróe he hoje amigo.*

---

* *J. J. P. Lopes*, actual Redactor da Gazeta de Lisboa.

Já no peito do Heróe lavrava a mágoa
Da perda do Burrinho, seus enlévos;
Mas vendo o Desaforo o seu Alumno
Que todo se engoijáva com saudades
Do orelhúdo animal, chamou-o á-parte;
E, mui meigo affagando-lhe as bochecas,
Com ar de riso disse-lhe " Se quéres
" Anda comigo, ficarás com elle."
Annúe o Heróe, embárca-se c'o Burro,
E logo des-atraca, e des-afferra
Soltando a larga vela ao vento largo.

FIM DO 3° CANTO.

CANTO IV°.



Quasi sempre a Fortuna lisongeira
Sópra com vento em poppa ao Desaforo,
Ou lhe deita aos baixeis a borda n'agoa
Ventando-lhe á-bolina em todo o rumo
Mais que hum Tritaõ curvado a Cytheréa
Vai pelas ágoas râpida a Falúa
Arfando compassada, e pela pòppa
Longa deixando esteira d'alva espuma:
Ei-la estremece já, co'a aguda pròa
Toccando em sêcco as praias de Lisboa;
E, dando as maõs ao bambear da prancha
Em terra c'o Hortelaõ o Heróe saltava:
Mas qual seu pasmo foi quando, inda apenas
Afincando na arêa os calcanhares,
O'lha a ver o que vai, vê promptamente
A Falúa a virar fazer-se ao largo,
E naõ vê o Hortelaõ!...Procura, chama,

Porem debalde, que ninguem responde;
E a turba circunstante, ao ver seu pasmo,
D'escárneo lhe bateo longa risada.
Bem como quem de hum grande pezadello,
Os ólhos esfregando, se levanta,
E, inda co' a phantasia povoáda
De embusteiros somnivo-los phantasmas,
Entre a abusaõ, e a realidade hesita;
Tal, por mui largo espaço, duvidando
Do mesmo que está vendo, e está passando,
Ficou o Heróe co's olhos espantados
Perplexo, estupefacto, mudo, e quêdo,
Alma de Judas, corpo de penedo!
O Burro foi-se, e o Hortelaõ sumio-se
Desfeito em insultantes gargalhadas!
Mas o Heróe naõ tremeo; ja de pequeno
Começava a ter callo na paciencia
Para soffrer violentas surriadas;
E ja tinha na cara tres ou quatro,
Das sette que óra tem, camadas de aço
Impenetraveis da vergonha aos tiros.
Entaõ, segundo havia contractado

Com seu grave Mentor, quiz a Fortuna
Da sua protecçaõ prestar-lhe hum rasgo :
Conjura o tórvo Rei das tempestades,
Pedindo-lhe dois rijos agoaceiros ;
E, em quanto o Heróe com intima zanguinha
Azoádo bufando parafúsa,
As rajadas do Sul voaõ, trazendo
Nas negras ázas cérulos chuveiros.
Fervendo com soîdo estrepitôso
Pelas mui porcas ruas de Lisboa
Amplas corriaõ turvas enchorradas,
Nas quaes com grande grita, e algazárra
A corja dos Gayátos-Gandayeiros
Toda do peixe-prego andava á pésca :
Ouvio o Heróe os sons des-concertados
Da miùda-canálha-gritadôra,
Mais bulhenta que incómmodas Cigarras
Na força do Veraõ, ou que ao Sol-pòsto
*As Rans, no tempo antigo Lycia gente,†
Coaxando agóra nos lodósos charcos:

---

* Cam. Lus. C. 2°. Est. 27ª.

Ouvio o Heróe; e, qual saccode as crinas
Generoso Cavallo, que relincha
Inquiéto ao som das bellicas trombetas,
Tal em seu peito o coraçaõ briòso
Férvido pula, c'o dezejo ardente
De acompanhar a turba-gandayeira.
Na quelle nobilissimo exercicio:
Dezejou, e cumprio; e, em sós dois saltos
Mettendo os pés na proxima enchorrada
Se perfilou no rancho dos Gayatos,
Que logo muito accesos resingaraõ,
E por hum tris que naõ se engalfinháraõ!
Já tinhaõ cinco ou seis o murro feito,
E sobre o manso Heróe o punho erguiaõ;
Porem neste comenos a Fortuna
Traz de-ròlo nas ondas da enchorrada
Soante multidaõ de ferros velhos,
Que, de tropel batendo nos Artelhos
Da Ardente-guerreada-Rapazìa,
Toda, a-hum-tempo tocada, estremecendo
Se encurva, mette a maõ nas çujas agoas,
E sem ponta, ou cabeça hum prego fisga:

O Heróe, por ser Heroe, foi mais ditoso;
Deo logo com tres Trôlhas, tres Martellos,
Hum Nivel, hum Compasso, huma Esquadria,
(Cousas a que tomou perpétua zanga)
Porem dous Soveloens, quatro Cutelos,
Trinta Gazùas, Facas, e Serrótes,
(Cousas com que folgou para seu úso)
Tudo ainda capáz, e em tempo bréve
Pescou taõ limpamente que assombrava
Até os Brejeiroens mais amestrados!
E conduzio-se em fim por tal maneira
Que, antes de ser chegado o fim do dia,
Foi por voto geral do Rancho inteiro
Eleito *Capatáz-da-Brejeirada.*

Mas, de tanta excellencia mal-contente,
Tentou o Heróe naquella mesma noite
De seu genio sublime hum novo ensaio.

Quando em vastas ruinas espantósas
Ficou Lisboà quasi sepultada;
Que os hórridos vulcoens flammi-ferventes,
Com subterraneo-horrisono-rebombo,
Medonhamente o seio lhe abaláraõ,

E a torreada pompa lhe abatèraõ;
Que as do Tejo auri-plácidas correntes,
Verde-negras bramindo acapelladas,
Em rôlo espantosissimo crescêraõ
Quasi para tragar o chaõ que adornaõ;
Que o Susto, o Medo, o Espanto, o Estrago, e a
Morte
Co' as tórvas azas lúgubres cercáraõ
Seus Múros infelices, povoando
Seu mésto chaõ de pavorósos Quadros!...
E que depois, sob o ditoso influxo
De hum grande Rei, hum próvido Ministro
A ergueo das cinzas, e a tornou mais bella!
Por força d'arte avassallando as ágoas,
E o Tejo hum pouco recuar fazendo,
Assentou-se em firmissima estacáda
Hum quadrado Terreiro magestôso,
Aonde, bem ao meio, em Bronzeo-Vulto
Se ergue (do Mundo Oitava-Maravilha!)
De hum só jacto fundída a Equestre-Estátua
Que ao vivo representa o graõ Monarcha,
O Primeiro Jozé, Rei venturoso

Que prezado viveo, morreo saudoso!
De redór com Symétrica ordenança
Sobre vastas Arcadas se levantaõ
Soberbos, sumptuósos Edificios;
Pois, com ambas as maõs o Erário abrindo,
O Magnifico Rei fez Regia a obra!
Do lado Oriental á-beira d'agoa,
E quasi sobre o Tejo debruçado,
Há hum Salaõ de ricca architectura
Em marmóreas columnas sustentado:
No gyro do Commercio alli concorrem
Da Europa toda, e todo o Mundo as Gentes;
E no espaçôso Cáes que órla o Terreiro
Pesaõ continuamente as Mercancîas
De toda a casta, e dos Paizes todos:
Entre outras mil de Americana origem
Abunda mais o proveitòso Assucar,
Enlèvo da miúda-Brejeirada,
Que, das Caixas as fisgas espreitando,
Máo-grado aos çujos Argos que as vigiaõ,
C'os lapuzados dedos esgravata
A doce, e pegajósa golosina.

Já de braços abertos aguardava
Thetis o Sol, que, os raios affroxando,
Com pallido claraõ amortecido
Apenas, scintillava no Occidente;
Quando o prófugo-Heróe, c'o carapuço
Dos chuvósos despójos recheádo,
Marchou sublime para a nova empreza,
E soube com tal arte conduzilla
Que ainda naõ tocava o Sino ás oito,
Já elle, e seus bons Sócios tinhaõ fartas
De assucar a barriga, e as algibeiras!
Nestas, e taes fadigas gloriósas
Consumio mais de hum anno, inda ignorádo
De hum dicto Tio seu, que éra em Lisboa
Hum podre Ourives, mas hum pobre honrado;†
Que, máo-grado aos orgúlhos da Riqueza,

---

† He mui verdade que *J. A. de Macedo* viveo empregado em toda a casta de gatunice, que lhe permittio a idade, ate contar mais de nove annos; tempo em que hum Ourives que se dizia seu Tio (posto que na realidade só foi Parente mui chegado a sua Mãy) o tirou da gandaya, e o metteo na Eschola; e depois, em idade propria, na Communidade Graciana.

A'cha-se a Honra no ásco da Pobreza.
*Mas tendo promettido o Fado eterno,
*Cuja alta Ley naõ pode ser quebrada,†
Que o *Heroe-Capatáz-da-Brejeirada*
Fosse tambem o *Trovador-do-Gama*,
Ou o *Camões do avèsso*, éra forçoso
Tirallo da gandaya, e pôllo ás Letras;
Bem que nesta Rèpublica se erguesse
Peiór do que no Mar-Mediterrano
Hum bárbaro Argelino armado em côrso!
Apenas alvejava no horisonte
O trémulo reflexo duvidòso
Do raio matutino, e a froxa Aurora,
As nóvas dormideiras orvalhando,
Novo torpôr nos membros derramava
Dos molles Cidadaõs, que se regálaõ
C' o somno da manhaã taõ saboróso;
Entaõ o Tio Ourives preguiçôso,
Dando mais huma vólta sobre a barra,

† Cam. Lus. C. 1º. Est. 28ª.

Se dispunha a dormir até ás séte:
Voando leves Sonhos lisongeiros
Na mal-adormecida phantasia
Mil visoes agradaveis lhe appresentaõ:
Figurou-se-lhe ver em lugar alto
Hum Homem de bocheca rechunchúda,
Em gestos, e feições alambazado
Que, fazendo c'os braços dobadoura,
Com Sibyllino tom, phrase caloura
Gritava até suar, e ter perdido
De rouquidaõ a voz; e em-redor delle
Muita gente pasmada, e boqui-aberta,
Parte da qual depois o accompanhava
Dizendo-lhe de-manso " Viva—Bravo!"
Elle mui vermelhaço, e mui trombúdo,
A todos acenando co' acabeça,
Marchava como hum Galgo em retirada,
Alimpando o suór nas ruças mangas;
E, dos hombros tirando hum trapo branco,
Mui ligeiro as maõs ambas estendendo,
Em huma recebia hum dinheirinho,
E co' a outra anciòso agadanhava

Hum trasbordado cópo de bom vinho
Que logo nas guélas emborcava.*
Inda estava cuidando o bom do Ourives
Ver emborcar rápidamente o cópo,
Eis da Philantropia o Genio vôa;
E diz-lhe " De José te chamaõ Tio,
" Elle avança com passos de Gigante
" Pelo caminho á perdiçaõ aberto,
" Tu deves-lha evitar; do ensino a força
" Talvez corrija o natural maligno
" Que á desgraça o conduz: inquire, busca,
" E na turba dos sórdidos Gayatos
" Acharás, gayatissimo entre todos,
" Teu sobrinho *Jozé*, que está entrado
" Em déz annos de idade, e inda naõ sabe
" Ao menos o A B C! Porem com-tudo,
" Naõ te esmorêça o seu atrazamento:

---

* Naõ se escandalizem os Senhores Oradores Sagrados, eu naõ zombo do Ministerio, zombo do seu indigno Ministro *J. A. de Macedo.*

" Se agora dás com elle nas Escholas,
" E mal chegar á idade competente
" Déres com elle Frade, eu te affianço
" Que inda ha de ser hum Pregador que azoine
" Lisboa, e seus compridos arredóres;
" E até, segundo as tróvas que hoje inventa,
" Virá talvez tambem a ser Poeta.
" Poéta naõ (accóde logo o Ourives)
" Poeta naõ, que he praga, que he mania,
" Hé loucura, he doudice que eiva os téstos
" De alguns, de cuja vista precatados
" Fogem todos os túmidos Magnátas:
" Poeta, e póbre he quasi tudo o mesmo;
" Eu estou da pobreza enfastiado,
" E naõ quero o Rapaz c'o mesmo achaque.
" Nescio, nescio! (altamente instava o Genio)
" Naõ presta o fazer vida de Poeta,
" Mas ser Poeta he bom; esses que ostentaõ
" Ter em-pouco a Poesia, he porque as Musas,
" Aváras de seus dons, lhos naõ dotáraõ,
" E á estúpida preguiça se entregáraõ:
" Para ser bom Poeta cumpre unir-se

" Longo estudo, e saber, bom-gosto, e engenho ;
" E ainda montará tudo isto em pouco
" A' quelle aquem naõ dér a Natureza
" O dom particular a poucos dado,
" Claro juizo, e phantasia ardente,
" Alma sublime, locuçaõ vehemente.*
" Dá honra a Poesia aos seus Alumnos ;
" E, se des-honra alguns, essa deshonra
" Naõ vem da Poesia ; he porque nescios,
" Sem bem avaliar as próprias forças,
" Ou de si próprios presumindo muito,
" A difficeis emprezas se arrojáraõ,
" E d'alta presumpçaõ se despenháraõ.†

---

* Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.
Hor. Sat. 4ª. *L.* 1º.

S'il ne sent point du Ciel l'influence secrette,
Si son Astre en naissant ne l'a formé Poète,
Dans son genie etroit il est toujours captif ;
Pour lui Phebus est sourd, et Pegase est retif.
Boileau dans l'Art Poet. Chant. 1er.

† Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus, &c..................
Hor. Epist. ad Pis.

“ Dizer que a Poesia traz pobreza,
“ Isso he abúso da vulgar cegueira:
“ Olha Tu se na Epoca de Augusto
“ Ouviste já dizer que fossem pobres
“ Horacio, ou Polliaõ, Virgilio, ou Varo?
“ Ou se quando reinou Luiz Quatorze
“ Foraõ pobres tambem Boileau, Racine,
“ Ou inda os outros de lembrado nome?
“ Exemplos (que naõ faltaõ) poderia
“ Entre as outras Nações citar-te immensos;
“ E até, se em Portugal quizesse exemplos,
“ Alguns, e naõ muis poucos, acharia
“ Que essa vaã prevençaõ desvanecessem.
“ Raros merecem de Poeta o nome,
“ Mas da-se mais estima ao que he mais raro.
“ Hum dos lustres dos Seculos famósos
“ Foi sempre o produzir grandes Poetas,
“ E prezáraõ-nos sempre os bons Monarchas:
“ Concebeo Alexandre inveja a Achilles
“ Por naõ ter para si hum novo Homéro.
“ Eia pois, faze Tu o que te eu disse:
“ Dá c'o Rapáz na Eschola, e no Convento;

" E, seja Prégador, seja Poeta,
" Seja elle o que for; em todo o caso,
" Como Tu lhe ensinaste o bom caminho,
" Do mal que elle fizer a culpa he sua:
" Em quanto he tempo, accóde-lhe; e naõ tardes,
" *Porque sempre por via hirá direita
" *Quem do oppurtuno tempo se aproveita"†
Assim dizendo, deo hum ai!...profundo,
E repetio " Ai!... de *José*, se o deixas."
Ao doloròso som dos ais magoados
Acordou soçobrado o bom do Ourives;
E, de-repente pôsto em pé na casa,
Os ólhos esfregando, e mui confuso
Olhando de-redor, exclama " He certo
" Tudo isto que eu sonhei, ou he tontice?...
" Seja, ou naõ: vai-me pouco em procurallo.
" Mas, em-quanto eu por fóra ando á pesquiza,
" Talvez que venha algum Freguez á Loja,
" E perco huns tantos reis... Embora perca;

† Cam. Lus. C. 1°. Est. 76ª.

“ Paciencia, antes isto me succeda”
Do que fique o Rapáz por-hi perdido.
Eilo já surrateiro discorrendo
De mangote em mangote de Gayatos,
E eis ja *o Heróe Jose* sobre as orelhas
Sente a pesada maõ do Tiò Ourives:
Grita o Heróe “ A elle, Companheiros,
“ Ou vaõ-se-me as orelhas c’os Diabos.”
Accode a turba lestes; mas, olhando
Na maõ do Ourives a bengala erguida,
(Bem como ante o Rafeiro arreganhado
A Matilha dos Gozos ladradores)
Tréme, recúa, e pára: o Tio puxa,
O Heróe re-dobra com a dor os gritos,
Eis surde hum Belleguim “ Largue o Pequeno,
“ Ou bato-lhe, e’os ossos na Enxóvia”
Mas elle, sem largar, e mui pacato:
“ Tenha lá maõ (responde) este Brejeiro
“ He meu Sobrinho, que fugio da Terra”
“ Pois entaõ, carga nelle” Tórna o Esbirro,
E vai virando rumo. Finalmente
Ja na Loja o Heróe attento mira

As grandiósas Marujáes fivélas,
E outros trastinhos taes, bem pezarôso
De naõ poder fazer o que fizéra,
E melhor fez depois! Mas senaõ-quando:
" Ande d'ahi, senhor; venha comigo."
Diz o Tio, e ei-lo ja n'hum Algibebe
Ajaesando o Heróe de-ponto-em-branco.
" Agora ha-de aprender (diz-lhe á sahida)
" Ha-de aprender, ou hei-de derreallo:
" Vamos ja rebolindo, inda hoje mesmo
" Quero que veja as barbas a seu Mestre."
Tal como o disse, o fez; e no outro dia
Já *José* caminhava impertigado
Sustendo no sobaco a ricca pasta
Que uzaõ trazer os miúdos Aprendizes
Da Cartilha efficaz do Mestre Ignacio.

FIM DO 4° CANTO.

CANTO V°.



Musa, apára-me a penna mais délgado,
Pois tenho d'escrever novas proêzas
Do Heróe, que, ja das Letras no caminho,
Para emendar Camões se vai dispondo:
Bem sabes como eu tenho longamente
Revolvido memórias, relatando
Quanto a Fama tem delle apregoádo,
Té que, tapando pela vez primeira
Com çapatos de Vacca os calcanháres,
Expôz as maõs á rija palmatoria,
Entrando com heroica bizarria
Do A B C no intricado labyrintho:
Tu pois agóra, ó Deosa, me recorda
O mais que hei-de narrar; meu metro aspira,
Da-me igual canto aos feitos do famoso
Heróe, a quem o Desaforo ajuda;
*Que se espalhe, e se cante no universo,

*Se taõ grande vilêza cábe em Verso.†

Passados éraõ já mais de tres mezes
Quando o Heróe, cujos téstos milagrósos
Saõ d'alta comprehensaõ, ja conhecia
Quasi todas as letras salteádas!
Chega o tempo fatal de ser preciso
De tinteiro e papel o Heróe armar-se,
E assentar nas balizas do regrado
Com douta maõ a retalhada pluma:
Já no adúnco nariz o chôcho Mestre
As videntes cangalhas escarrancha,
E, sorvendo a pitada, se encaminha
Para reger do Heróe a maõ direita;
Mas seu grave Mentor o Desaforo,
Em sonóro Mosquito transformado,
Tres vezes lhe zumbio pelas orelhas;
E, n'hum dedo, naõ mais, que tem mal-pòsto
Dando-lhe huma opportuna ferroada,
O compellio com Arte taõ pasmósa
Que assentou logo hum traço; e tal, que o Mestre

---

† Imitaçaõ de Cam. na Est. 5ª. do C. 1º. da Lus.

Deo tres passos atráz como espantado,
Olhando a perfeiçaõ, que parecia
De antigo escrevedor famigerado!
" Ui! Senhor (diz-lhe o Mestre) continúe,
" Faça lá outro assim." Palavras dictas
O Heróe, inda có a dor que era influencia,
Fez segundo, e terceiro, e foi fazendo
Té que o Mestre outra vez lhe disse " Basta,
" Basta, que estou pasmado! Quanto podem
" As propensões que a Madre Natureza
" Inflúe, como por força de destino!
" Vejaõ este Rapáz, este birbante,
" Duende, Trásgo, Demonico andante,
" Que, ao vello traquinar pela Cidade,
" Somente lhe suppunha habilidade
" Para andar c'os Gayatos gatunando;
" Vejaõ este Fradinho de sabúgo,
" Antonîco, e Bernardo na agudeza,
" Bôrra em bochechas, Bento no cachaço,
" Franciscano no brio, e Loyo em tudo,*

* Ninguem se escandalize, que a ninguem he minha intençaõ escandalizar: como Poeta aproveito os Adágios que podem cravar a setta no alvo aqne endireitei a pontaria.

“ Que taõ pasmôso geito des-envolve
“ Para a arte de escrever!”——Neste comenos
O fingido Mosquito Desaforo
Segunda vez do Heróe mordeo na dextra;
Co’ a mordedura o Heróe desaforado,
Dando hum couce maior do que outra Besta,
De-repente escreveo...*Camões naõ presta.*
“ Que escreveste, Rapáz de mil Díabos!
(Grita o Mestre, azoádo segurando
As videntes cangalhas co’ as maõs ambas)
“ O que escreveste Tu! Pois por ventura
“ Tu ja leste Camões, ou Tu entendes
“ Tudo o que elle escreveo no seu Poema?
“ De nada disso eu sei; porem lembrou-me
(Responde o Heróe) lembrou-me esse tal nome,
“ E cresceo-me huma certa vontadinha
“ De o descompôr a-torto ou a-direito.*
“ O Rapáz tem Diabo! (Scisma o Mestre)
“ Sem saber escrever, escréve, e logo
“ Tal destampo escreveo!...Sáhiaõ já todos,

* E indagora assim he! Bem diz o Adagio: O que o berço dá, a cova o tira.

“ Nem mais huma liçaõ quero dar hoje ;
“ Mas tragaõ-me dahi a palmatoria,
“ Que quero a este patife dar o prémio
“ De descompôr Camões” Todo enraivado
Jurando que tres dúzias lhe cascava,
Já elle sobre o Heróe se engalfinhava
Quando batem á porta, e vai entrando
O Desaforo, disfarçado em forma
De hum velho Funileiro alli visinho ;
Homem saõ, e bem-quisto, ainda que era
Sebastianista acérrimo, e mui lido
Em todas as prophéticas tontices
Do Preto do Japaõ, e do Bandarra:
“ Cuidei que succedia (diz o velho)
“ Nesta casa, visinho, algum desastre !
“ Ouvi taõ grande argel!”...Eis logo o Mestre,
Enfadado arrojando a palmatória,
Responde “ O que ha-de ser, se este Patife,
“ Este Alárve, que tudo barafunda,
“ Tudo embarálha a ler, taõ bronco, e rudo,
“ Taõ besta como hum Macho de Liteira ;
“ Este Tarélo, que por vez primeira

" Inda hoje começava a fazer riscos,
" Escreveo em caracter mui legivel,
" Sem ninguem o ensinar—*Camães naõ presta!*
" Isso, Visinho, he mais que habilidade,
" Isso he prodigio!" (continúa o velho,
Arqueando de pasmo as sobrancelhas)
" Mas he pouca-vergonha (grita o Mestre)
" Grande pouca-vergonha que hum Tarèlo,
" Sem nem saber qual he a maõ direita,
" Se metta a avaliar o que naõ sabe,
" Nem talvez saberá em toda a vida.
" Pouca-vergonha! Pois *Camões naõ presta?*
" Poder-se-lhe-haõ notar alguns defeitos;
" Defeitos isso sim, que elle era Homem,
" E inda demais-a-mais foi desgraçado:
" Porem quantas bellezas em desconto
" Naõ tem por cada hum dos seus defeitos?
" Asseguro de mim, que mais lhe encontro
" Quanto mais o re-leio, e mais o entendo;
" E azéda-me as entranhas dar-lhe chufas
" Hum Badaméco em Letras enfronhado,
" Havendo-o tantos Sabios respeitado.

" Naõ se espante, Visinho, naõ se espante ;
" Que eu, se bem me recordo....e naõ me engano,
(Interrompe o supposto Funileiro)
" Naõ sei em qual das minhas Prophecias,
" Porem li——Que virá hum Bigorrilhas,
" Literário Quixote, que enxovalhe,
" Em phrase de Peixeira ou de Arrieiro,
" Todos os firmes venturósos Crentes
" Na vinda do bom Rei que foi a Alcacer;
" E, desta só loucura naõ contente,
" Aboccanhando com furor canino
" Os grandes Homens das Idades todas,
" Emendará Camões.——Irra ! Visinho,
(Torna o Mestre c'o rosto envinagrado,
Upas sobre a cadeira dando irado)
" Olhe bem o que diz ; c'os seus Prophetas
" Naõ me faça ferver mais ágra a bilis.
" Irra ! Emendar Camões ! Inda naõ veio
" Quem bem o imitasse, e ja espera
" Quem o possa emendar !...Ora, Visinho,
" Arrecáde essas suas Prophecias
" E lembre-se do que hoje prophetizo,

" Eu, que nem Preto sou, nem sou Bandarra:
" ——Este Rapáz ha-de escrever depressa,
" E muito; porem mal, e a-trouxe-mouxe;
" De forma que será taõ raro achar-se
" Qualquer escripto seu limpo de asneiras
" Quanto he raro no frigido Dezembro
" Abrir o Sol hum dia que assemelhe
" Aquelles formosissimos que estende
" Quando em Abril remóça a Natureza.
" Lêr, nunca ha-de ler bem; inda que lêa
" Com muita correntêza, e muito affinco:
" A mim aquella cára naõ me engana:
" Tôlos saõ todos quantos o parecem;
" Elle parece-o, hé-o: e embora tenha
" A audacia natural de fallar muito;
" Porque, quem muito falla, pouco acérta.
" Força hé que pague os altos de-voluto
" Quem tem quasi Cabeça-de-Comarca,
" E de Casmurro-alvár focinho, ou tromba;
" He nos Hómens a cára espelho d'alma;
" Naõ pode ter nos téstos bom miòlo
" Quem tem tanta gordura no cachaço,

" Tanta carne cahida sobre os ólhos,
" E taõ nédeas bochechas, taõ roliças
" Que mais parece hum cú do que huma cára."
Com èstas, e outras taes rasões quadrantes
Tiveraõ por Camões longo argumento
De Sebásticas listras arraiado:
Mas, estendendo as azas tenebrósas,
*Ja nisto punha a Noite o usádo atalho
*As Mundanas canceiras, por que céve
*Do doce somno os membros trabalhados,
*Os ólhos occupando ao ócio dados.†
Rindo do frenesi do chôcho Mestre,
Des-enxameára com tropel saltante
A inquieta—turbulenta—Rapazia;
E entre as mal-povoadas Taboletas
O Heróe, botando a pasto a phantasia,
E o renhido argumento recordando,
Fez comsigo firmissimo protesto
De em redondo—caracter—corriqueiro
Acestar a tremenda artilheria

† Cam. Lus. C. 7°, Est. 65ª.

De chúlas phrases, torpes invectivas,
Com que a turba Sebástica arrazásse
Inda mais do que o fica hum Baluarte
*C'os pelouros que Tu, Vulcano, espalhas!†
E jurou ao Camões hum ódio eterno,
Pois que, sem o entender, lhe hia custando
Huma sóva de Mestra—Palmatória;
E para des-forrar-se deveria
Dos curuchéos da Fama derriballo,
Ou, pelo menos, sem pudor, tentallo;
Que sem pudor a tudo se abalança
Impio que a Dita espéra na vingança.
Sempre com más lições, e muito estudo;
Sempre c'o Desaforo ante seus passos;
E roendo-lhe sempre o fundo d'alma
A caterva infernal, Sócias malditas
Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja;
Assim cresceo o Heróe ate á idade
De entrar para Noviço, e foi acceito

---

† Cam. Lus. C. 10º. Est. 35ª.

Na Irmandade Agostinha. Oh! com que gaudio
Angélica, chorando, ouvio a nóva
De que tinha o seu Filho a c'roa aberta!
Que honras imaginou, e que ventura
Para a sua velhice! Mas ai! triste,
Que ainda o coraçaõ naõ conhecias
De teu Filho *José!* Tu naõ cuidavas
Que elle te desse o trato de hum Podengo!
Prepára-te, infeliz; terás em-breve
Pela experiencia amargo desengano!
Desventurada *Angelica*, o teu Filho
He da réproba Cáfila daquelles
*Que refúsaõ o jugo honroso, e brando:†
Naõ lhe esperes emenda, que te illudes;
Ha-de correr seu fado, e o seu castigo
Por suas proprias maõs será cavado.
José por ter entrado na clausúra
Naõ mudou condiçaõ, nem pensamentos;
E, no encêrro do claustro aperreado,
Ou pelo largo Mundo desboccado,

---

† Cam. Lus. C. 10°. Est. 40ª.

Sempre se conduzio segundo o influxo
De seu grave Mentor o Desaforo ;
Cumprindo tanto a-risca os seus preceitos
Que o Chéfe da Graciana Fradaria
Resolveo de enviar o *Heróe-rapádo*
*A pizar do Mondego a fertil herva :†
Do Mondego, onde Apollo, onde Minerva,
Des'que reinou Diniz, haviaõ feito
Depósito geral dos seus thesouros.
Resolveo de enviallo ; mas naõ tanto
Das Sciencias no proveito imaginando,
Quanto por correcçaõ, pois que o Fradépio
(Ambulante Hospital do mal de Venus)
Com roubos, com sortidas, com zizanias,‡
Trazia toda aquella Santa-Casa
Como a arêa nos ares revolvida
Pela encontrada fúria sibilante
Do soberbo Aquilaõ, Noto, Austro, e Bóreas.

---

† Cam. Lus. C. 3°. Est. 97ª.

‡ Por estas taes-e-quejandas habilidades foi J. A. remettido, como preso, para o Collegio de Coimbra.

No fertil, magestôso, e pulchro Idioma
Do antigo Lácio o Heróe se doutrinava:
Ja chega a exame a turba Escholiasta,
E o *Reverendo-Heróe* por seus estudos
Obteve em prémio hum Reverendo-R ![*]
Mas nem isto o affligio, nem fez diff'rença;
Pois visto está que, para ser bom Frade,
Naõ se precisa ser bom Estudante.
Sem saber o Latim[†], eis daõ com elle
No labyrintho, e escuridaõ sagrada
Da melindroza Sciencia Theologia:
Aqui cuidou o Heróe fazer maõ-chêa,
Porque a Revelaçaõ, e a Auctoridade
Lhe davaõ argumentos que excedessem
Os da Rasaõ, que elle seguir naõ sabe:
Mas ai! que o Theologaõ mal-estreádo
Nem ante éstas muralhas accolhido
Poude fazer faxina, e áo novo exame

---

† No Latim foi reprovado por Fr. Antonio de S. Luiz, como consta do Assento das Matriculas.

Aguentou na bochecha hum R. novo!*
D'entre os Collegiaes nenhum como elle
Respondia taõ prompto, ou mais affouto;
Mas sendo por ventura perguntado,
A que declinaçaõ pertence *Oleaster*?
Encaixava huma regra de Syntaxe!
Se o caso de Susanna lhe inquiriaõ,
Vinha com Jezabel, ou com Dalîla!

Des-enganados do nenhum proveito
Que das Sciencias na estrada colheria
Este do Desaforo Heróe e Alumno,

---

* Naõ há dúvida que foi tambem reprovado em Theologia; nem o admittîraõ a segundo Acto, por que no de Filosofia (a que foi por empenho) sendo arguido por Fr. Francisco de S. Agostinho (por antonomasia o *Botaõ*) sobre a immutabilidade de Deos, a resposta concludente de J. A. foi " Pe. Me. de telhas acima só Deos, e os gatos" Isto consta das Actas do Collegio da Graça em Coimbra; e eis-aqui todos os estudos regulares do Sabichaõ J. A. de Macedo! Tem lido muito; porem o seu entendimento naõ tem a força necessaria para dar boa digestaõ ás ideas adquiridas; e, mingoado em principios methódicos, pode dizer-se, que a sua cabeça he hum armazem onde está tudo a monte: a prova saõ os seus escriptos: J. A. escreve como respondia nas Escholas.

Re-enviaraõ-no em Férias a Lisboa,
Donde por suas muitas gentilezas
Logo para Leiria o degradáraõ.*
  Musa do Amor, inspira-me os teus Versos,
E conta-me a amorósa choradeira
Que o degradado Heróe alli fizéra
Por huma exp'rimentada Donzellinha,
No Convento de Cóz votada a Christo.
  A Freirinha, raivósa da clausúra,
Dava ao Démo o Convento e a Castidade,
Quando entre os concorrentes n'huma grade
Lhe deparou Amor no Heróe o Amante:
E, mal que elle apontou a vista accesa
Para o lascivo peito palpitante
Da clausurada Láis, logo a Mestraça,
Mil graças dando de Lampsaque ao Nume,
Conheceo ter achado o que buscava;
Pois de certos signaes que ella entendia
Concluio que teria o seu Fradinho

---

* Tornando em Férias a Lisboa, foi recluso, e logo degradado para Leiria.

De hum Bóde-sementaõ, ou de hum Martinho
A desenvòlta-façanhósa-ardencia!
E, com meigo sorriso respondendo
Ao namorado olhar do *Heróe-matreiro*,
Elle todo enfiou, e ella cobrio-se
De pejo naõ, mas das vermelhas manchas
Com que úsa Venus de tingir as faces
Daquellas que se daõ aos seus prazeres.
  Oh! que doces-Freiráticos-collóquios,
Que ternas expressoès alambicádas,
Que juras amorósas re-soáraõ
Na primeira que a Sóror deo sosinha
Ao seu Amante venturósa grade!
Ella, movendo os ólhos mal-chorósos,
Onde scintilla o lume do dezejo,
Rotos os laços do importuno pejo,
Mil amorósas magoas repetia:
E, a seu vivo transporte abandonada,
O peito nú lhe arfáva suspirando,
N'hum tremor de prazer os ais dobrando!
Elle, c'o activo cheiro, da cassoula,
Os olhos re-virando, abrindo a bocca,

E os membros contorcendo, parecia
Asinîmo animal virando o beiço
Quando o fêmeo vapor lhe dá nas ventas!
Quem dizer poderia as mágoas de ambos!
Quem poderia expor com próprias tintas
As scenas de furor, e de ternura
Que alli abrio o férvido Appetite!
*De hum a negra roupeta a dextra léva
*Erguendo-a, e d'outra as fraldas delicadas;
*Accende-se o dezejo, que se céva
*Nas santas carnes com fervor mostradas;†
A Sóror toda em ancias se derrete,
O Heróe lamprea o Déz, sem largar bóla;
*E em mais que nas bochechas se suspeita
*Que a côr vermelha tinha desta feita!‡
A' quem, e alem das grades á-porfia
Corriaõ dous Humanos-chafarizes...
*Mas o que passaõ na manhan, e na sésta,
*Que Venus com prazeres inflammava,

---

† Imitaçaõ de Çam na Est. 71ª. do C. 9°. da Lus.

‡ Imitaçaõ de Cam. na Est. 33ª. do C. 5°. da Lus.

*Inda quem naõ quizéra exp'rimentallo
*Póde com-tudo muito-bem julgallo.†

Já do Heróe, santamente namorado,
Na rapáda cabeça naõ ferviaõ
Outros cuidados mais do que a Freirinha:
Porem qual, vendo os pomos, vendo as ágoas,
Multiplica os dezejos insoffridos,
E arde Tantalo em vaõ por saciar-se;
Naõ de outra sorte o Heroe, alem das grades
Vendo tremer os pomos amorósos,
E lourejar as messes de Amathunta,
Quanto mais o tocallos lhe he defeso
Em frenesîs de amor mais treme accèso:
Até que de suór todo coberto,
Espesso o sangue, o hálito apressado,
Ancioso em peito, em membros derengado,
Da Freira aos meigos ais seus ais prendendo,
Com mesta languidêz se recostava
Na cadeira, de-longe nada estranha
A scenas taes, como esta que passava.

---

† Imitaçaõ de Cam. na Est. 83ª. do C. 9º. da Lus.

Quantas artes Amor, que audácia inspira
Dos seus Heróes no coraçaõ, na mente!
E que estrondos, que pasmos cuida e tenta,
De amor eiváda, huma cabeça heroica!
A cêrca do Convento tinha huns múros
Que púnhaõ medo ás pernas mais valentes;
E, guardando a hortaliça das Donzellas,
Sem corrente, nem trella, nem açàmo,
Andava toda a noite fariscando
Hum vigilante, rábido Rafeiro,
Taõ grande, taõ feróz taõ indomavel,
Que, se fosse trilingue, éra hum Cerbéro!
Momentaneo silencio que succéde
A's fadigas de amor, sublime emprega
O Heróe, altas ideas revolvendo;
*E, com novo vigôr espairecido,†
Começando no rosto a affoguear-se,
Limpava o suor, que em bágas lhe corria,
Quando abrio elegante estas palavras:
" Isto naõ pode ser: eu arrebento

---

† Verso de Filinto Elysio, Tom. 5°.

" Com frenesis, com ancias, com dezejos!
" Quero entrar pela Cerca em alta noite;
" Quero chegar-te bem, quero hir-te á Cella...
" — Oh! quem déra! (responde-lhe a Freirinha)
" Mas os muros, e o Caõ, que he taõ raivoso?
" — Eu sinto hum fogo em mim que me devóra,
" (Insta o Heróe) eu ardo, eu desespero:
" Para me unir comtigo nada temo;
" Os muros saltarei como huma péla,
" E matarei o Caõ.——Mas o Caseiro,
(Disse a Sóror; dizendo, e suspirando)
" Mas o Caseiro ha-de accodir, e pode
" Estender o cajado, e derrear-te"
Aqui ficou o Heróe embatucado!
Mas logo seu Mentor o Desaforo
Lhe suggerio remedio; e, mui risonho
Encostando-se á grade, assim prosegue:
" Se o Caseiro accodir ao reboliço
" Tu podes serenar a tempestade;
" E, se o respeito naõ domar o bruto,
" Arranja-te com elle de algum modo,
" E faze-lhe as promessas que quizéres.

*Meio caminho a Noite tinha andado,
*E as Estrellas no Ceo co'a luz alhea
*Tinhaõ o largo Mundo allumiado,†
Quando o Heróe cavalgou da Cerca os muros
Com tanta intrepidez, tanto denòdo
Como o fez Alexandre em Babylonia!
Mas o maldito Caõ, que véla irado
Nem que tivera Satanáz na pelle,
Vendo o Ladraõ dos muros pendurado,
Descido apenas, investio com elle.
O Heróe, que, como Heróe, já por cautella
Levava as fortes maõs ambas armadas,
E as doutas algibeiras petrechadas
Da brejeiral-seixósa-artilheria,
Seu antigo exercicio renovando,
Começou gentilmente a fazer fogo;
E seu Mentor, os tiros dirigindo,
De hum golpe, com que zúne o ar vibrado,
Estirado no chaõ deixou latindo
O féro Canzarraõ esquadrilhado.

† Cam. Lus. C. 2°. Est. 60ª.

O animal offendido, e furioso
Tanto, e tanto latio, que aos longos échos
Accodio o Caseiro; e, se a Freirinha
A correr, e a gritar o naõ previne,
O Heróe mamáva huma cruel lombada!
Mas, ao santo clamor estremecido
Da desvelada Sóror, o Caseiro
D' espantado ficou como tolhido!
E o Heróe, mal que vio a Freira em campo,
Largou armas prudente, e mui ligeiro
Ao caminho da Cella metteo pernas,
Deixando-a pela forma contractada
Para domar o bruto com promessas.
Largos dias o Heróe encovilado
Medicou com Freiraticos carinhos
Dos dezejos o mal, de amor as febres:
*Porem ah! que o pezar terá firmeza,
*Mas o bem logo muda a natureza!†
E, fosse que o Caseiro, descontente
Das promessas da Freira mal-cumpridas,

---

† Cam. Lus. C. 5º. Est. 80ª.

Divulgasse a nocturna cavalgada;
Ou fosse que a Fortuna, descuidada
Da protecçaõ do Heróe, n'alguma noite
O expuzesse a alguns ólhos espreiteiros,
Certo he que á-bocca-chêa se dizia:
" *Frey Joze Agostinho de Macedo*
" Quasi todas as noites pela Cerca
" Se vai metter na Cella de huma Freira"
E foi tanto o rumor que finalmente
Tomou cautella a Madre Prioreza;
E o Padre Provincial muito iracundo,
*Vendo estas namoradas estranhezas,†
Enviou rapidamente para Braga,
Como em novo desterro, o *Heroe-saltante*,
De manchada Vestal *rapado Adonis*.

Sobre as azas dos Euros procellosos
Dos hórridos trovoens ão som trazida,
Pluviósa cerraçaõ, que tolda os Astros,
Naõ desce sobre os Mares taõ medonha
O coraçaõ dos Nautas abafando,

---

† Cam. Lus. C. 3°. Est. 122ª.

Como esta com que Amor, por vez primeira,
Forçósa ausencia o Heróe atormentava!
Em mais de trinta legoas de jornada
Naõ teve trinta instantes de socego,
Que a saudade, e o furor, lhe affugentavaõ
Os prazeres de dia, á noite o somno;
E a cada vóz que ouvia ja cuidava
Ouvir a sua Freira que o chamava!
Terrivel illusaõ! A coutadinha
Tambem se dava a-pérros, derramando
De ternissinas lágrimas hum rio,
Sem saber com quem tápe, ou como, ou quando
O vaõ que *Frey José* deixou vazîo!
Tudo elle cuida, e naõ lhe vê remedio!
Arde, gela, estremece, e desespera,
E unicamente a idêa o allivia
De achar em Braga o que lhe deo Leiria.
Chega em-fim ao lugar do seu destino,
E, mudo como hum tronco, apenas sólta
De-quando-em-quando huns intimos suspiros,
Amargos filhos da custósa ausencia!
Naõ achando rasoes, maneira, ou módo

De alliviar-lhe a pallida carranca,
Deixaõ-no só: velóz o tempo voa,
E elle, todo embebido em seus cuidados,
Sem comer, nem dormir, recorda ancioso
*Doces lembranças da passada gloria:†
Té que, ouvindo cahir a mea-noite,
Sólta hum agúdo grito, com que todos
Québraõ os Frades o pesado somno
Com que estendidos santamente roncaõ;
E depois, a gemer, dest'arte exclama:
" Oh! triste Mea-noite, taõ diff'rente
" Daquellas que eu ja tive! Que destino,
" Inimigo dos Homens de talento,
" Te affugentou de mim, ditoso tempo?...
" Começava ind'agora na carreira
" De me fazer famôso, e Amor me abria
" Os meátos do cérebro estupendo,
" Onde devem ferver-me as Sciencias todas!
" Os prazeres do Corpo alentaõ a Alma:
" Agora aperreado, e consumido

† Cam. (mihi) Soneto 18°.

« Terei de recuar meus vastos planos ;
« Nem talvez poderei, como quizéra,
« *Pôr do Velho Camões a cálva á-mostra* ;
« Nem malhar nos Sebasticos-Devótos ;
« Nem firmar-me no Mundo-Literario
« Assim como no Estreito de Messina
« Latrante Scylla, que ameaça horrenda
« Em seus latidos misero naufrágio.
Cançado de luctar nestas ideas,
*Os ólhos lhe occupou o somno acceito :†
Eis sahe de se banhar no Phlegethonte
O Desaforo ; e, abrindo as negras ázas,
Orválha sobre o Heróe as igneas ágoas
Do flammifero Rio temerôso !
Com o orvalho infernal espairecido
O Heróe acórda alegre, e vigorôso :
Hé outro Homem ja ; ja naõ o opprime
Descahida tristeza ; enthusiasmado
Affrôxa a rédea aos férvidos dezejos ;
E, graõ Carneiro de Humanas Ovelhas,

---

† Cam. Lus. C. 4°. Est. 69ª.

Fez tal estragaçaõ no Femeaço
Que naõ consta na velha, ou nova idade,
Igual façanha de Sultaõ, nem Frade!
Mas (prémio injusto de proezas tantas!)
Ordem fatal, por brutas maõs cumprida,
Sobre os heróicos pés mandou lançar-lhe
Pezados ferros, que por longo tempo
Cruel lembrança nos vergões deixáraõ!
Podre Parelha d'estafado passo
Vai rodando a Calêça chocalheira,
E o encolhido Heróe de cabiz-baixo
Observa os que o rodeaõ vigilantes
Airósos Belleguins empavezádos,
Que muito honrósamente o accompanháraõ
Desde *Bracchara-Augusta* ate Lisboa.*

---

* Realmente, a prostituiçaõ aque J. A. reduzio huma Freira de Cóz, foi, alem de outros, o motivo do seu degredo para Braga; donde he mui verdade que por seus bons feitios veio de machos aos pés, fechado em huma sége, e cercado de Esbirros ate Lisboa.

FIM DO 5° CANTO.

CANTO VI°.

*Sempre por meio d'horridos perigos,
*E de trabalhos graves, e temores
*Alcançaõ os que saõ da fama amigos
*As honras immortaes, e os gráos maiores ;†
E a Prenestina-Deosa tresloucada,
Que a bem do Heróe c'o Desaforo havia
Da antiga alliança renovado os laços,
Posto que cegamente o protegia,
Deixáva-o re-cahir nestes fracassos
Por fazer inda mais soar seu nome.

Pallido o rosto, e os ólhos encovados,
Apenas que chegou *o Heroe Macedo*
Foi quasi da Cabeça em direitura
Para hum profundo cárcere lançado,‡

---

† Cam. Lus. C. 6°. Est. 95ª.

‡ Foi-lhe rasgado o Hábito em plena Communidade, e logo o encarceráraõ.

Ao Mundo inteiro, e á luz do Sol vedado;
E onde só, em tocando ao Refeitório,
Vinha hum Leigo servir-lhe de-má-mente
A mesquinha raçaõ taxada, e párca
De mal-guizada, misera iguaria!
Mas, quando mais ao-vivo em certo dia
N'alma o feria a mágoa do castigo,
Leigo nos trajes, e nos gestos Leigo,
Em ar mui compassivo, o Desaforo,
Depois de o consolar, e encher d'esp'ranças,
Ao mais dicto ajuntou este conselho:
" Se Vossa Reverencia muito douta,
" Como he ja bem sabido, tem talentos
" Para abysmar o Mundo em Poesia,
" Agora, que esta'qui tanto á-preguiça,
" Porque naõ ha-de aproveitar o tempo
" Emendando os notórios destemperos
" De Luiz de Camões, *Poeta torto,*
" *E todo até o embigo, e os baixos prósa;**

---

* Palavras formaes dos Solilóquios de J. A. porque as roubou do Hospital das Letras do nosso eruditissimo D. Francisco Manoel de Mello, o qual as applicou diversamente.

" Que fez o Adamastor desmesurado,
" E outras sandices taes, que lhe ganhárao
" De graõ Poeta sem justiça o nome?
" Emende-o, e ver-se-há subir na fama
" Como hum Poéta Epico chapado,
" Tendo a gloria de dar á Lusa terra
" Naõ somente a doutrina, mas o exemplo
" De huma Obra perfeita, e acabada;
" E abrir os ólhos bem a alguns basbáques
" Que o Camões como Oráculo venéraõ.
" O arrôjo he grande, mas a empreza he nóbre,
" E a gloria naõ provem de acçoes vulgares:
" Fite sobre ella as miras do dezejo;
" Para encovar Camões deite-se aos Mares,
" E cante em módo que envergonhe o Tejo.
" Cante, cante, meu Padre encarcerado;
" Másse o Camões, que he *Cysne derrabado.* *
" Se quer tinta, e papel, eu trago tudo."
Co' as fumaças da gloria empantufado,

* Assim o chama J. A. em seus Solilóquios, onde tudo he igualmente judicioso.

No proposto do Leigo o Heróe consente;
E, com phrase empollada, em pobre rythma.
E as Epicas feiçoens arrevezadas,
Ei-lo com plúma impávida estirando
O Domador do túmido Oceano :*
E aqui lhe foi proveito o amor da Freira,
E o caso atroz da deplorada auzencia,
Com cujas saudosissimas lembranças
Concebeo o ternissimo Episódio
Da sua infausta Ignez, que taõ mocinha,†
Por amor de hum Bargante-embarcadiço
Despenhada do pico de hum rochedo,
Teve o bom-gosto de dar pasto aos peixes;

* Primeiro Verso do chamado *Poema Gama* de J. A. e taõ túmido como as suas bochechas: he por isso contra a regra da simplicidade na exposiçaõ, practicada por todos os bons Poetas; porem J. A. naõ he desses.

† Esta Ignez de J. A. era huma guápa Mocetona, Amante de hum dos Aventureiros do descobrimento da India; e, vendo que elle lhe abalava, foi-se pôr sobre hum penedo, declamando mui doutora, com muitas fúrias, imprecações, e amores alambicados, e delambidos, e atirou comsigo ao mar, e foi-se. Porque? Porque' morreo: mas, a-pezar de ser boa Moça, e morrer desastrosamente, provóca tanto a riso, quanto a Ignez de Camões excita ao pranto.

Qual por Phaon se mergulhára outr'ora
Louca de amor de Lesbos a Cantora!
  Já por mar-largo navegava o Gama,*
E o Heróe-Cantador ao Navegante
Mais alto que o Camões noventa braças
Tentava sobre a Fama encavalgallo:
Bem era dentro n'alma persuadido
De que lhe fallecia a força idónea
Para aos hombros tomar taõ grave empreza;
Bem lhe accusava a inquieta Consciencia
(Mudo Censor a que ninguem se escusa!)
Que elle era no saber, e nos talentos
Taõ menor de Camões, quanto nas forças
Hé menos do que hum Boi huma Formiga:
Mas as Sócias fieis do Desaforo
Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja,
Laborando-lhe sempre no bestunto,

---

* A relambória Ignez mergulhou-se no fim do 2°. Canto, e he quando J. A. pôz o Gama fóra da barra de Lisboa; querendo, como *gravissimo Poetà*, guardar proporçaõ entre a longurà da viagem cantada, os preparativos da apojadura cantante.

Varriaõ-lhe o temor pelo dezejo
De fazer o seu nome bem fallado ;
Embora o fosse com geral desprezo,
Embora a maldiçaõ fosse o seu fado :
E ás-vezes que o receio lhe affroxava
O indiscreto correr da leve pluma,
Logo ellas porfiando lhe bradávaõ :
" *O' Padre, d'escrevente fortaleza,
" *Da determinaçaõ que tens tomada
" *Naõ tornes para tráz, pois he fraqueza
" *Desistir-se da cousa começada."†
E o Padre c'o conselho perigôso,
Que as bôlhas da philaucia lhe empollava,
Alentando a Gami-Epica mania,
Em sentenças mui vaõ, mas mui verbôso,
Sesquipedal, monótono entoava
Puxádas trinta oitavas cada dia!
Passava hum dia, huma semana, e outra,
E o Prelado insistindo em tello preso :
Em vaõ busca amparallo alta Colúmna

† Cam. Lus. C. 1°. Est. 40ª.

A quem delegou Pedro a piedade;
Contra ella, para exemplo dos culpados,
As justiçósas Leys appella o Claustro.*
Geme encerrado o Heróe fazendo oitavas;
E, ardendo em comichaõ escrevedôra,
Tinha, dado á munhéca taõ ligeiro
Que, em sons rouquenhos d'Epica-Bandúrria
Nesciamente narrada a graõ viágem,
Com mérito nenhum, trabalho pouco †
Ja tinha em Calecut surgido o Gama.
Soberbo co'as oitavas que abortára
Pula em todos os pés o *Heróe-cantante*,
Mais que nunca no cárcere insoffrido
C'o dezejo de andar no Mundo ás-soltas

---

* O Nuncio quiz valer-lhe; maz os Padres obstáraõ, interpondo recurso na Corôa, e ultimamente o abandonáraõ á Justiça Secular.

† Com merito nenhum, trabalho pouco—porque o Infante D. Henrique, descído do Céo em socorro do Gama, lhe ordenou toda a derrota, e lhe predisse o bom exito da viagem: e deste modo fez J. A. nullo o caracter do Gama, que nada intentou per si, e que com taes certificados bem podia dormir descançado, e a somno-solto, como parece que dormio pelas muitas vezes que sonhou no tal Poema!

Seus cascavéis-poéticos tinnindo
Nos mui raros ouvidos que aturassem
A insoffrivel leitura de seus cantos:
Cantos no horror de hum carcere paridos,
E á tréva maternal taõ parecidos!†
O' Socia valedôra em meus trabalhos,
Que tantas vezes com teu mimo adóças;
O' Deosa que me dás as settas de ouro
Com que, ferindo no alvo da virtude,
Lhe multiplico o resplendor da gloria;
E que me dás o raio, a plumbeas settas
Com que, dos montes da insolencia, abysmo
No ludibrio os Phantasmas da Ignorancia!
Naõ desfalleças, festival Camena:
Repinica-me os Delphicos adúfes,
E entoâ com desgarre, e desempeno

---

* Que J. A. zangarreou o Gama estando no cárcere, elle proprio o confessa no C. 10°. quando diz

Privado d'alma luz doce, e serena,
Entre ferros a vida atormentada,
Foi meu alento divinal Poesia,
Como a Boécio o foi Filosofia.

Huns taõ lépidos versos, taõ facetos
Que ao vivo exprimaõ o risivel modo
Com que o Heróe se evadio do captiveiro:
Dirás depois os nobres exercicios,
E os mais pasmósos feitos que fizéra
Ate que da Fradesca impertinencia
Por Decreto Real se vio liberto.
Estava elle huma tarde mui calmósa
De-cóstas sobre a barra, como outr'ora
Costumava estirar-se o graõ Martinho;
Com o hábito singéllo sobre os couros,
E esse mesmo abanando arregaçado;
Venus todos seus membros inflammava,
Era todo elle na quentura hum forno;
E, a turva phantasia rescaldada
De amorósas ideas enleando,
Nas futuras conquistas cogitando
As vindouras batalhas guerreava!
Màs vendo o Desaforo o tempo idóneo
De elle dever despir Fradescos trajos,
Deo-lhe hum violento assôpro na cabeça,
Deo-lhe outro no vazio. "Ai! ai! que dores!"...

Grita o Heróe todo elle resolvido:
Dóe-lhe a barriga, e fervem-lhe os miólos
Em hum feliz tropel de alicantinas,
Todas co' mui louvavel pensamento
De se escapar do cárcere, espalhando
Pelo espaçôso Mundo os seus féitios:
" Eu necessito de tres couzas huma,
(Disse comsigo o Heróe barafustando)
" Seducçaõ, ou prisaõ, ou morte ao Leigo:
" Mas, para o seduzir falta o dinheiro,
" Ariete que fórça as portas todas:
" Para o matar, ha risco de accodirem;
" E, posto que as Theólogas-Pessoas
" Naõ possaõ ser na Forca penduradas,*

* Reinando o nosso D. Pedro Primeiro, hum Clérigo pensadamente matou hum pobre Pedreiro; e, sendo o matador (segundo a usual piedade do Clero) pelo theor da sentença meramente inhibido, de exercer os Ministerios sagrados, o Rei occultamente ordenou a hum Filho do tal Pedreiro, que matasse o matador de seu Paï; ó que feito, logo o Moço Pedreiro foi preso, e sentenciado com pena ultima: entaõ o Rey " Eu quero justiça igual: (disse) o Pedreiro, assim como o Clerigo, deve ser privado do exercicio das suas funções" e assim o deo solto, e livre com huma pensaõ bastante

" Ainda que o mereçaõ mais que muitas
" Que lá vaõ pernear; sempre me exponho
" A ver-me em mais masmorra, e mais aperto,
" Onde talvez nem tenha o desafogo
" De arrebeçar meus Epicos embrulhos.
" Se eu pudesse prendello éra huma mina!
" Se eu pudesse...mas tá, que dei na fina:
" Tomára-o ja pilhar." Neste comênos
O Leigaça, na forma do costume,
Dos feijões a tigella lhe trasia:
Mal que o sente as çapatas arrastando,
Como hum Touro no curro, o Heróe comêça
A urrar, gritando c'huma dôr fingida:
Apressa o Leigo o passo, e entra espantado:

LEIGO.

" Padre Mestre, o que tem?"

MACÊDO.

" Ai! ai! que morro:

---

para sua sustentaçaõ. Bom seria que houvessem, mais Reys Pedros; e bem éra que quem tivesse as maõs profanas, naõ tivesse o pescoço sagrado.

"Eu naõ resisto á dor."

LEIGO.

"Hé na barriga?"

MACEDO.

"Hé na barriga, sim: ai! que arrebento."

LEIGO.

"Diga o que quer tomar?"

MACEDO.

"Quéro o bispote,
"Dê-mo cá ja depressa."

LEIGO.

"Onde está elle?"

MACEDO.

"Aqui, aqui debaixo: ai! minhas tripas!"
Em taes dictos, e pressas soçobrado
O Leigo ora vereis pôsto em giôlhos,*

---

* Quem naõ quizer lèr *óra* por agora, nem *giôlhos* por joe por ser drógas da antigualha, leâ

Vereis agora o Leigo de joelhos

e, repetindo hum e outro Verso, conheceraõ quaõ pouco basta muitas-vezes para melhorar a euphonia Metrica.

De-meio-corpo-acima ja mettido
Por debaixo da barra, procurando
O pedido urinol...Tempo opportuno
Para qualquer das suas traficancias
Nunca este Heróe perdeo: mal vio que o Leigo
Naõ poderia levemente erguer-se,
Salta da cama, sáhe-se da masmorra,
Fecha a porta traz-si, dá volta á chave,
Deixa o Leigo encerrado, e mette pernas,
Com tanta rapidez nos calcanhares
Como em campina rasa, estrada aberta
Huma Lebre dos Galgos acoçada;
Ou como, c'o funil atado ao rabo,
De orelhas baixas, e ganindo hum Gôzo
Fóge da grita de folgoens Brejeiros;
Ate que ancioso, trêmulo, esbofado
Fez alto, olhando em-roda a tomar folgo
De Santa Clara no vistôso Campo.
A vida dos Heróes sempre se têce
De arrevezados lances: como o adorno
Que elle melhor levava, éra nos hombros
Hum cobertor de pápa mui çurrado

E hum lenço pelas frontes amarrado,
Para tapar a c'roa ; a Rapazia
Começou de apupallo como doudo ;
E, jogando-lhe á Torre-do-Piolho,
De algum malhaõ talvez lha derribassem,
Se os Lacayos de hum Grande o naõ levassem
Acolhido á decencia de hum palheiro.*
   Farto de palha, e de temor curtido,
O acobertado-Heróe a cada instante
Cuida escutar os Frades c'os Esbirros
Clamando " He elle, bótem-lhe os anginhos,
" Que hum cárcere perpétuo o está chamando."
Mas eis que hum Mocho lhe recorda orneando
Os sons que taes-e-quaes garganteava
O seu Burro em Cassilhas predilecto ;
Oh ! de que affectos a alma se lhe enlêa !
Naõ foi de Midas ao orelhudo ouvido
Do capri-pede Pan na gaita agúda

---

* Dizem que J. A. quiz matar o Leigo Carcereiro ; e ultimamente fechou-o, efugio, como digo, ate ao campo de S. Clara, onde o recolheraõ os Lacayos do Marquez do Lavradio.

Mais grata n'outro tempo a tangedella!
Momentaneas gozou ideáes delicias;
Mas logo sobre opeito palpitante
A tromba amazorrado descahindo,
Cruzando as maõs, e os hombros encolhendo,
Arrancou dous suspiros de saudade
Por sua burrical, brejeira vida,
Como os Judeos outr'ora no deserto
Dos Pharaós o jugo suspiráraõ:
" Oh! quem me dera (discorreo gemendo)
" Quem me déra, de Burros Presidente,
" Ver-me outra-vez senhor de trinta albardas!
" Que antes ser Burriqueiro venturoso,
" Que ser Frade, ser Sabio, e desditoso."
Nestas nobres ideas embebido,
Ergueo-se a ver se o Macho em formusura
Igualava tambem o seu Burrinho;
Achou porem que apenas lampejava
Com tibia luz a sórdida lanterna:
Vai a atiçalla...eis salta na grizeta,
Do tamanho da lúz que nella ardia,
Hum Negrinho; e ligeiro atiça, e volta,

E sahe, e cresce!...O Heróe de assombro cheio
Naõ falla, nem se move, e a força toda
Dos mais sentidos no da vista apúra:
Sabia bem (pois ja na quelle tempo
De muito poucas couzas naõ sabia!)
Sabia bem que há Trasgos, que há Duendes
(Em mui redonda letra acreditados
Por malignos Ministros do Caròcho)
E hum Trasgo presumio o tal Negrinho;
Porem elle cresceo, cresceo, e fez-se
Tamanho Negralhaõ que topetava
C'o revolto cabello pelos tectos!
Da cabeça nos hombros lhe descia
Derrubado chapéo que lhos cobria;
Vermelha cinta o ventre lhe apertava;
E, compassadamente repicando
Os roucos sons de bestial chocalho,
Saccodio dous estouros de hum vergalho,
E ao terceiro, cingindo-o nas costellas
Do estremecido Heróe, largou-lhe os trastes,
E desappareceo dizendo-lhe—— Arre.
Naõ sabia o Heróe qual era o Nume

Que lhe fazia o dom ; mas, recordando
As visoens, e os influxos portentósos
Com que ja tanta vez sahio de apertos,
Naõ duvidou que o Negralhaõ seria
O Genio-Tutelar que o defendia ;
E vendo nos aprestos claro indicio
Do Arrieiral-convite, resolveo-se :
Armado como o Negro, e muito airóso
O Sócio cobertor montando ás costas,
E'os braços a remar, e a passos largos
Ei-lo arripia o cógnito caminho ;
Ei-lo vai do frugi-fero Alem-Tejo
Pela pulverulenta estrada estuósa
Correr parelho a Arrieiral-Mestrança ;
Arte mui comesinha aos seus talentos,
E em que houvéra talvez de ter bons lucros,
Se o sestro de furtar lhos naõ agoasse.

FIM DO 6° CANTO.

CANTO VII°.



Desde que o Mundo he Mundo houveraõ sempre
Para os grandes Heróes prodigios grandes.
Hia o terceiro Sol subindo a-pino
Depois que, muito lesto chouteando
Ao som teimôso do chocálho andante,
O disfarçado Heróe todo garrido
No Alem-Tejo campava ja famoso
De bestiaes-Partidas Commandante:
O Alem-Tejo no ardor, e nas arêas
Imita os climas áridos da Lybia,
Pela Tórrida-Zona effervescidos:
Tangendo mais de hum Macho, que gemia
Com carga de arriscado contrabando,
Que a hum certo Doutor Mendes pertencia,
Apertou-lhe o calor: perto da estrada
Ruinôso resto de hum Palacio antigo
Nos rotos tectos off'recia abrigo

Contra as settas de Phebo igni-spirante;
Alli pousavaõ Aves agoureiras
Que aborrecem a luz, e as trevas amaõ;
E acoutavaõ-se alli alguns daquelles
Homens que velaõ quando os outros dormem;
Naõ a indagar das Sciencias o thesouro,
Contemplar em silencio Natureza,
E dar ao bem-geral vigilias suas;
Mas para despojar, talvez matando,
Quem góza em santa páz os bens havidos,
Ou quem, para os haver, trabalha, e cança!
Para alli o Heróe curvado avança,
Puxando a récua d'arreáta aos hombros;
E, o trem condicionando entre paredes,
Buscou onde melhor, mais ao comprido,
Quamanhos saõ, os óssos estirasse:
Foi dar n'hum quarto, que, inter-médio aos outros,
Só recebia a luz que lhe emprestavaõ;
Tropeçou, e cahio: c'o estrondo erguidos
Morcegos, Mochos, Noitibós, Corujas
Eis-lhe por-de-redór piando esvoaçaõ;

Açoutaõ-lhe co'as azas as bochechas,
Que desde entaõ, ardidas, lhe ficáraõ
Vermelhas como hum par de betarravas ;*
Férraõ-lhe huma pieada pela esquerda
Na cavidade entre o nariz, e a face,
E alli se lhe gerou torpe verruga
Que ind'agora o caraõ lhe recomenda.†
Atordoado o Heróe, fugio clamando :
" Maldito sejas Tu, e o contrabando,
" Maldito sejas sempre, ó Doutor Mendes ;
" Tu hes a causa desta corrióla,
" Porem eu te protesto ódio, e vingança."
Como o Diabo outr'ora na Serpente
Para fazer cahir nossa Mãe Eva,
Assim o Desaforo, e as Sócias suas
No corpo destas Aves se infundiraõ
Para enraivar o Heróe : daqui viéraõ
Todas as insolentes parvoices
Chusmadas na galé dos seus Folhetos

---

* J. A. traz sempre a cára, naõ córada, porem affogueada.

† Tem-na pelo tamanho de hum graõ de milho.

Contra o Auctor de *Mendes*, que ind'agora
Amuáda Thalia em Lysia chóra.*
Seu heróico andamento, e seus progressos
Seguia longamente o Desaforo;
E huma das muitas aziágas horas
Em que hia mui de tromba, e mui chofrado
Porque o pilhárao n'huma ladroeira;
Com hum longo bordaõ, barbas crescidas,
Ruço chapéo, e capa remendada
(Como usaõ caminhar os ja Mestraços
N'arte chorôna de pedir por portas)
A passos muito graves caminhando
Com mui sisudo gesto se apresenta,
Praticando ao Heróe desta maneira:
" De que vai triste Irmaõ? Naõ se esmoreça:

---

* Antonio Xavier, desgraçadamente para o Theatro Cómico Portuguez, fallecido na flor da idade: foi elle Autor de huma Farça (alem de outras) intitulada—Manoel Mendes—obra excellente naquelle genero; e de varias Comedias, as quaes, naõ obstante alguns defeitos, attestaõ por suas bellezas os muitos talentos de seu Autor: J. A. de todas disse mal, e tudo aboccanha nos diversos, e indignissimos Folhetos em que tem babado as raivas de seu nescio orgulho.

" Muito vérgaõ trabalhos ; mas ás-vezes,
" Quando mais a Desgraça nos persegue,
" Entaõ mostra a Fortuna os seus poderes ;
" E prisoens, nem degredos, nem fugidas
" Naõ podem aterrar a quem de longe
" Tem seu animo posto a couzas grandes."
Com esta introducçaõ o Heróe pasmado
Logo crêo que naquella capa parda
Mui grave Personagem se encobria!
Mas bem como hum Rapaz (inda que o caso
Succede muita vez com gente grande)
Sabendo por ventura algum segredo,
Pungido do dezejo de contallo,
E retido por medo de huma sóva,
Vai a querer fallar, e balbucia,
Chega-se agora, e logo se desvia,
Lança os ólhos d'esgúelha, ri-se e rosna,
Dá mil voltas sem tino, e anciôso argueja ;
Por arte similhante o Heróe banzando
O que diga naõ sabe, ou que resolva:
Notando seu soçôbro, o Desaforo
Assim prosegue. " Irmaõ, naõ se azaranze ;

“ Arrêde os sustos de enfuscado enleio,
“ E confie-se em mim, que o amo a-peito:
“ Naõ lhe digo quem sou, nem he preciso;
“ Mas digo-lhe que Vossa-Reverencia
“ Naõ tomou bom mistér no de Arrieiro,
“ E que eu posso accodir-lhe em seus trabalhos,
“ Se quizer acceitar os meus conselhos.
“ Seus incómmodos tem, mas tem proveitos
“ A sempre ociósa vida de hum Mendigo;
“ Encolhido no manto da Pobreza,
“ Só capa alcança o que lhe fôra p'rigo
“ Se o litigasse ao brilho da Affouteza.
“ Por tanto, mude traje, e tome tento,
“ Siga meu norte, e ganhará fortuna.”
O Heróe, que vê seus feitos ja sabidos,
Téme de estimular o Conselheiro;
E, volvendo mil cousas no sentido,
Assim responde “ Eu estarei por tudo,
“ Mas o que hei-de eu fazer? Por toda a vida
“ Andarei nesse cáhos de remendos
“ Desconhecido á Fama, ignoto ao Mundo?
“ Eu tinha projectado fazer bulha

" Entre os Homens de Letras, escrevendo
" Mais obras do que dá hum Bode espirros,
" Posto que cada huma das taes obras
" Naõ valha mais que o espirrar de hum Bode."
Qual caõ goloso d'entre os dentes d'outro
Safa, rosnando, o osso engordurado,
Tal, nos beiços tomando-lhe a palavra,
Inda apenas o Heróe—Bode—dizia;
" Tudo isso eu sei (o atalha o Desaforo)
" E tudo assim será: maz, porque tenha
" O seu devido effeito esse dezejo,
" Mude de traje, venha ate Lisboa,
" E terá no Convento dos Paulistas
" Por minha intervençaõ bom gazalhado.*
" Naõ se envergonhe de vestir farrapos:
" Vergonha he hum Phantasma, que se enxota
" Por qual quer precisaõ: a vida Humana
" He toda sustentada pela industria;

---

* J. A. depois que fugio do Cárcere, andou de Arrieiro na estrada do Alem-Tejo; voltou a Lisboa disfarçado em trajes de Mendigo, e esteve homiziado no Convento dos Paulistas.

" Quem industria naõ tem, naõ tem juizo;
" E o juizo he moldar-se ás circunstancias,
" E, de qualquer que vem, tirar proveito.
" Com Séneca pregar, ser Sybarita;
" Ostentar de Cataõ, e ser Sejano;
" Cúrcio louvar, seguindo Coriolano;
" Dar mostras de ser Tito, e ser hum Nero;
" E de Numa affectar sendo hum Mezencio,
" Eis-aqui cinco illustres Mandamentos,
" Eis-aqui o segredo milagrôso,
" Se naõ de ser feliz, de ser famôso."
Nestes, e taes conselhos embebido,
Já de bom-grado o Heróe todo se arrêa
De vestes Mendicantes, e caminha
Com o Irmaõ-Desaforo, practicando
Sobre as suas passadas aventuras,
Sobre as que mais teria, e mais que tudo
Sobre o *Poema-Gama*, obra que teve
Do Sócio—Desaforo inteiro applauso;
Com balôfas sentenças Aristarchas
Notando largamente os disparates
Que o Camões produzio no seu Poema,

Na divina Lusiada, há tres séculos
Admirada, re-lida, e decorada
Geralmente por doutos, e naõ-doutos;
Que as aureas explosões do altivo Engenho
Férem até nos ólhos da Ignorancia!
E as taes observações, e mil diversas
D'igual jaèz, e cunho venerando,
Tanto o Heróe as tomou, sem perder péla,
Que assim as tem lançado em seus canhenhos.
Mas ja na Portaria dos Paulistas
Os dous falsos-Mendigos, mui sisudos,
Espéraõ a caldenta carridade;
E, porque o Desaforo hia ageitado
Ao modo de hum Mendigo com quem tinha
Devoçaõ hum dos Leigos do Convento,
Em louvor do seu Santo lhe pedia
Que désse á quelle Irmaõ naquella noite
Occulto gazalhado, e ao outro dia
De todo o caso elle a razaõ daria.
Agazalhado o Heróe, seguro, e farto
Dormio, sem lhe importar que o mar roncasse;
*Porem tanto que lasso sé adormece

*Morpheo em varias formas lhe apparece :†
*Aqui se lhe apresenta que subia‡
Para huma fui formósa Livraria ;
E logo vê na Loja de hum Livreiro
Hum Mulato, que vende certos Livros,
E que vólta a entregar-lhe o seu producto :
Estendendo-se ancioso a recebello,
Quebra os laços do somno, e fica parvo
Naõ vendo livraria, nem dinheiro !
*Cuida que naõ he mais que sonho usado,
*Torna a dormir quieto, e socegado ;§
Mas outra vez os sonhos lhe afiguraõ
O mesmo tudo, e d'igual modo accorda !
Aborrece-se, emenda a cabeceira,
E torna a adormecer ; e ainda torna,
Por vez terceira, a succeder-lhe o mesmo !
Entaõ érgue-se, pensa, e acredita
Que há mysterio no sonho ; e nesta idea

† Cam. Lus. C. 4°. Est. 68ª.
‡ Cam. Lus. C 4°. Est. 69ª.
§ Cam. Lus. C. 8°. Est. 48ª.

Sabiamente, a seu modo, discorrendo
Tanto se envolve al-fim que perde o somno.
Nem se enganou o Heróe, nem creõ de léve
Que fôra o sonho seu mysterioso:
Para os Heróes os sonhos saõ prelúdios;
Dest'arte o Desaforo lhe influía
O que alli mesmo practicar devia.
*Rompendo pelo Ceo a Mãy formósa
*De Memónio, suave, e deleitosa,†
Eis vem ter o Mendigo verdadeiro
Com o Leigo-esmolér, que em-continente
Ao seu cuidado-Irmaõ vai conduzillo;
E oh! que jocósa scena alli se rompe!
Pede o Leigo a razaõ do caso todo;
Relata o Heróe mil cousas, recordando
Quanto passou c'o Sócio-Desaforo;
E o Mendigo, escutando estupefacto
O verbòso aranzel de acções naõ suas,
Nega a-final ter sido companheiro
Daquelle gordo-grúlha, ou ter sabido

---

† Cam. Lus. C. 9°. Est. 51ª.

Das cousas que dizia, e muito menos
Das mais de que a razaõ lhe pede o Leigo!
O Heróe, de tal resposta estimulado,
*Hum pouco carregando-se no vulto,
*Dando mostra degrandes sentimentos,†
O bordaõ mendicante erguèo raivòso;
E, hindo a descarregar, achou d'encontro
O outro bordaõ rival: accode o Leigo,
Para dar, e tomar razões sobejaõ,
E rompem todos três n'huma algazára
Que nem que os investisse hum Caõ-damnado!
Eis-aqui por quaes artes naõ cuidadas
A Fortuna protege os seus mimósos!
Foi ella que enviou neste entre-mentes
A' quelle sitio hum Padre do Convento,
Que ao sarrabulho accode, entra, e conhece
Frey Jose Agostinho de Macedo!
E, sem mais inquirir o que he passado,
Léva-o comsigo só; e seus Confrades
Tanto os move a Fortuna, que concórdaõ

---

* Cam. Lus. C. 6°. Est. 26ª.

Em consentir o Heróe homiziado.
Porem elle, que nunca do sentido
Se lhe varría ó sonho das tres vezes;
Em tomando confiança, pedio lógo,
Que o deixassem entrar na Livraria
Qualquer occasiaõ de noite, ou dia
A ver, e a revolver quanto quizesse,
Pois quer aproveitar no estudo o tempo
Que entre aquellas paredes se acoutava:
De-boa-mente os Padres lho concédem,
E mais por verem que de-affinco ás vezes
N'hum dia hum grande Livro devoráva,
E n'outro dez quadernos escrevia!
Ja, do bòlo senhor, o Heróe levava
Livremente alguns livros para a cella,
Os Padres engodando co'as amostras
Dos fructos que brotava o seu talento:
Hoje hum livro de Horacio traduzia,
E amanhaã dous mil versos da Thebaida!
Té que hum dia amostrando o seu Poema,
Nescios lho appróvaõ, Sabios lho rep'rendem:
Mas elle entaõ, parar córar o arrèjo,

Fez huma cousa arremedando a Ode,
E chamou-lhe Pyndárica, dizendo
Que louvava o Camões; posto que ao vella
Pode mui justamente duvidar-se,
Se quiz louvar Camões, se a si louvar-se.*
Assim passava, quando por acerto
Foi dar de-cara-a-cara nas cloácas
C'hum Homem, cuja cor de saragoça,
Cujas feições, e gestos eraõ todos
Daquelle que por sonhos vio tres vezes
Dar-lhe o dinheiro dos vendidos livros:
O Heróe com muito heroica retentiva,
*Depois de ter hum pouco resolvido†
Na mente o sonho todo, e seu mysterio;
Reconhecendo o tétrico vidònho,
Endireita-se a elle mui risonho,
E diz-lhe varias cousas, concluindo

---

* Haja vista á tal chamada Ode Pyndarica, impressa junto ao *Poema Gama;* e, se he verdade que *ex digito Gygas*, pela Ode poderá avaliar-se o Poema.

† Cam. Lus. C. 9º. Est. 19ª.

Que fósse á sua cella; por engòdo
Dando-lhe alguns vintens, saudòso resto
De quantia maior, de harto dinheiro
Que na estrada ganhou como Arrieiro.
O mofino Dinheiro vence tudo!
E o fúlo Malandrino, alliciado
Pelo primeiro intróito, he logo prompto
Para os livros vender que o *Vate Ex-Frade*
Furta com estro Epico-gatúno:
E ja, de huma janella pendurados,
Calcorria com elles por bom preço,
E huma vez, e outra vez, vai, vende, e torna
Para a Loja do *Rey*, que em tempo avante
Foi forçado a repòr. Porem no-em-tanto*
A Fortuna, lembrada do contracto
Que celebrou c'o amigo Desaforó,

---

* Realmente o Livreiro *Rey*, que (sem saber cujos elles eraõ) comprou os livros que J. A. furtou dos Paulistas (e os quaes, como digo, pendurados de huma janella em hum cesto, elle os passava a hum Mulato, que os hia vender,) teve de os repôr, e perder o seu dinheiro; por que J. A. ainda naõ quiz, ao menos na parte possivel, emendar a patifaria, pagando huma divida tão desaforádamente contrahida.

Achou assidua intercessaõ pod'rósa
Com que poude mover pela piedade
O Regio Coraçaõ, nada informado
Da usual-rapinante-habilidade
Do fugitivo Heróe homiziado,
Que sahio, por Decreto, sòlto, e livre ;*
Salvo dest'arte ás únhas vingativas
Do graõ Provincial dos Agostinhos.

---

* J. A. Sahio por hum Decreto da Senhora Dona Maria Primeira, e só entaõ he que os Padres deixáraõ de o perseguir.

FIM DO 7° CANTO.

CANTO VIII°.

*De tamanhas victorias triunfava †
O rapinante-Herôe Poeta-Ex-Frade,
Quando, por vez primeira, de casáca
Apparèce em Lisbôa, mui lampeiro
Bairro-e-bairro correndo, e rúa-e-rúa,
Como corre hum Podengo mouta-e-mouta
Ao fáro de cevar em sangue os dentes:
A vida era folgada, mas a bolsa
Ja folgáva demais, que os vintensinhos
Da muito dizimada Livraria
Quasi ao ultimo X. eraõ chegados!
Porem como em seus últimos apúros,
Quando manceáva em arte o Desafóro,
Sempre a Fortuna lhe estendia ampáro;
A túmida bochècha envernizando-lhe

† Cam. Lus. C. 3°. Est. 83ª.

Da complacencia c'o affectado júbilo,
Deo-lhe ázo de se unir aos Editores
Do copiòso Jornal-Encyclopédico;
Naõ como Sócio-Autor (que nenhum delles
Era escriptor, nem louvador de Gamas)
Porem como aguçòso Amanuense,
Que logo fez progressos, empunhando
Na Eschóla do A B C. sem arte a pluma:
Daqui lucrava o necessário, e tempo
Tinha para lançar de-quando-em-quando
Mais huma pedra no edificio horrendo
Do seu *Poema Narrativo—O Gama;* *
Ou para estropear, vertendo, as Odes
Do Mestre Horacio, ou esfriar o fogo
Dos Versos da monótona Thebáida;
Obras de seu primor, e em que esgotava
A vèa do riquissimo talento
Com que julga inferior Virgilio a Stácio! †

---

* Hé o próprio titulo que J. A. lhe deo.

† Ja por esta mania lhe disse Bocage em huma Sátyra, a que por elle foi provocado :—

Usa a Fortuna, desvairando, irar-se,
E dar ao seu descúido os que naõ sabem
Todas aproveitar com sòlta véla
As auras em que assópra os seus favores;
Mas, quando dos caminhos fortunósos
Desvîa o Desafóro os seus Alumnos,
A céga-Prenestina-Divindade,
Abrindo-lhes viéla a nóvas ditas,
Embórca a-fròxo o Corno de Amalthéa!
O Epico-Amanuense muito nédeo
Em fausta, e repousada medianîa
Desperdiçava o tempo a seu bom-grado;
A presumpçaõ garbósa reluzîa

Insultas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Stácio
Hum gráo que entregue ao Deos, que ardendo em estro
De Thébas o Cantor tentar naõ ousa,
Quando á Musa da Morte enfrèa os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adóre.*

---

* ....*Nec Tu divinam Aeneada tenta,*
Sed longe sequere, vestigia semper adora.

THEB. in fine.

Nas suas vermelhissimas bochêchas,
Soberbo de se ver intrincheirado
Com grossos calhamaços de poesía,
Ditósa prole de seu bom bestunto!
E com tóque, e re-tóque, e malho, e lima,
Da Audácia nas bigórnas trabalhado,
E'pico aborto, e sua obra-prima
De oitavas o seu Gama apontoádo,
Da perfeiçaõ ja no ápice tocava!
Macedo era feliz, vivia alegre,
Quando, para se ver em novas ancias,
Vio hum dia (ou por caso, ou por descúido
Pòsto como de maõ) hum bom relógio
Que he de hum de seus Patrões, os Editores:
Logo a Reminiscencia, recorrendo
Da Memoria os aéreos corredores,
Lhe accodio co' a lembrança de seu dono;
As consequencias de o roubar prevendo,
Logo tambem a Reflexaõ lhe accóde;
Mas o Appetite atéza-lhe o cabresto;
Desdenha, como Heróe, fugir do p'rigo,

E finalmente resistir naõ pode
A' grande tentaçaõ, e ao vêzo antigo.*
Por mais ligeiro de únha que de penna:
Eis-ahi outra-vez tomando os ventos
O Heróe depòsto, e com infamia expulso;
Nem de outra sorte o quer o Desaforo
Que a maiores acções o está chamando;
E já posto em conselho co' a Fortuna.
" Este meu prezadissimo Retrato,
" Meu espantòso Alumno, o *Heróe-Macedo*
" Deve empregar (dizia o Desaforo)
" Deve empregar seu efficáz talento
" Dando algumas lições á Mocidade
" Da sua sapiencia, e seus costumes:
" D' aqui recolho eu houra, e Tu proveito;
" Bem vês quaõ raramente os teus altares
" C' os votos da Virtude se povôaõ,
" E, quando dá o pêco em meus Alumnos,

---

* He mui verdade que J. A. depois que começou a passear secularizádo, foi Amanuense dos Editores do Jornal Encyclopédico, os quaes o expulsaraõ pelo roubo de hum relógio, e naõ sei se de algo-más.

" Faltaõ logo á Fortuna os sacrificios;
" Pois, ó Deosa, com fausto seguimento
" Nosso antigo tractado se mantenha:
" Na *Calçada do Combro* ha huma Eschóla
" Onde, para aprender Primeiras Letras,
" Concorre inda mais basta a Rapazia
" Do que vôaõ Pardáes n'huma seára;
" O Mestre, que he Casado, ja se cança
" De aturar tanta Lesma, a de-bom-grado
" Talvèz acceitaria hum Substituto;
" He necessario pois fazer que acceite
" *Meu Alumno Macedo*: a teus podères
" Tudo he facil, ó Deosa: em Ti confio."
Hé rápido o querer da Divindade:
Eis ja sobre a Cadeira mui direito
O Heróe, com Professòra gravidade,
Pergunta, salteando, a Taboáda;
E muito mais direito, e mais sevéro,
Bruta carranca descahindo irada,
E'o furor da sanhúda Hypocrisia
A' tremente, espantada Rapazía
A Doutrina pergunta, que naõ segue,

Por naõ seguir nenhúma ; ou ser taõ bôâ
Que, naõ éraõ passados quinze dias,
Ja tinha feito a Eschóla outra Sodôma,
O exercicio de Láis dádo á Criada,
E, se fóra o naõ poem, talvez que a Mestra
Passasse de Lucrecia a Messalina !*
  Andava neste tempo accèsa a guerra
Entre a Malta de *Alfama, e Bairro-Alto,*
Gingantes Campeões afragatados,
Miqueletes revéis, cujas façanhas
Em Macarróneo Metro celebradas
Tem dado assumpto a hum par de gargalhadas ;†
E no sitio da *Pènha* aos dias-Sanctos
Com poitas, e com fundos de garrafa,
A-dente, á-únha, á-bordoáda, a ferro,

---

* He taõ verdade o haverem existido estas Perssonagens, como o ter J. A. sido substituto em huma Eschola de Primeiras Letras, na *Calçada do Combro ;* e foi posto no andar da rúa, porque, depois das proêzas indicadas, ja tambem (dizia o Mestre) lhe andava ao cheiro da Mulher.

† ......*Bairraltenses, Alfamiade que Rapazi,*
Utraque gens præstans moquète potens que calhdo.
Pal. Metr.

Latindo taõ raivósos como hum Perro,
Travávaõ cruentíssimos combates;
Naõ que morresse algum, mas abundavaõ,
Entre o furor de punhos, e pedradas,
Bólas partidas, ventas esmurradas!
De huma das taes Guerrilhas tinha o mando
O General-Luneta, Homem provindo
De linhagem illustre, e por seus séstros
Entre a mais brejeiral, çáfia cambada,
Entre a relé mais pifia confundido;
E por seus Capitães éraõ com elle
Claros Pimpões, a flor da Pangayáda!*
Dó rumor de seus feitos attrahido
O Heróe, por se acostar aos ja famósos,
Com estes se lançou, propóndo em mente
Ser de novos Achilles novo Homéro;
E, segundo o que ensina antigo Adágio,

* Bem sabida, e bem fallada foi em Lisboâ a guerra da Rapazia no sitio da *Penha de França*; e muito mais depois que nella entráraõ o *General Lunêta* (Dom Th. d'A; cujo Rival no Generaláto éra hum façanhòso Pretalhaõ) e alguns outros, que, pôsto serem geralmente havidos em ruim conta, nunca se esperou que chegassem a tanto.

Como—Quem a bôa árvore se chega
O cóbre bôa sombra—em tempo breve
Os fructos vio de taõ heroica alliança:
Por estes nobres Chefes apoiádo,
Trepando na Cadeira da Verdade,
Começou a soltar primeiro os diques
Da Sagrada Eloquencia ás-escondidas;
Que dèste, e dos mais Sácros Ministérios
Estava, como Apóstata, inhibido ;*
Porem logo a Fortuna protectora
Lhe deparou valia com que obteve
Licença de prégar! Os sanctos Templos
Estremécem de ouvir sanctas Doutrinas
Pela nefária bocca profanadas
De hum maligno gabaõ, sector d'insanias,
Ferrenho turpador de Leys, e de honras,

* Os primeiros Sermões de J. A. naõ somente foraõ prégados ás-escondidas, mas foraõ-lhe havidos por intervençaõ do *General Luneta*, e de seus Sócios, com quem diáriamente J. A. arranchava á bebedeira; e ainda hoje, de todos os Ministerios sagrados, só pode exercer o da Prédica; estando aliás completamente irregular, pr. q'. naõ pertence a Congregaçaõ alguma, naõ tem obediencia a Prelado, e ate *ex defectu Patrimonii*.

Apóstolo de lúbricas torpèzas!
Os ethéreos cabellos destrançando,
De dó rojou o manto a Piedade,
E, de pejo co' as maôs cobrindo o rosto,
Fugio de ouvillo!...Porem elle, inflado
De audácia, e presumpçaõ em vóz, e em gesto,
Prorompèo neste emphático discurso:
" Agora estou na tinta; como eu posso
" Ganhar dinheiro por gritar em alto,
" Ja volta me naõ daõ meus inimigos:
" Tenho agora de officio o fallar muito,
" E muito fallarei, porque he meu gosto;
" E protesto naõ ter toda Lisboa
" Quem falle mais doque eu; pois naõ me ganha
" Na rijeza da vóz huma Cigarra,
" Nem ella pelo Estio estrúge os campos
" Como eu hei-de estrugir os meus ouvintes.
" Bem sei que hei-de dizer o que naõ sinto,
" E hei-de ensinar virtudes que naõ tenho;
" Mas, como isso dá lucro, hé quanto basta:
" Da violencia que soffro na empreitada
" Desfórra tirarei, naõ estudando

" Nem somente hum Sermaõ ; e nisso mesmo
" Talvez áche proveito, em ter desculpa
" Quando disser asneira mais machucha :
" Nem me ha-de faltar vez em que eu empregue
" A Palavra Sagrada, e o Lugar Sancto
" Em nutrir as paixões que me devóraõ ;
" Quando eu orar, se por ventura minha
" Alguns meus inimigos me ficarem
" Do Púlpito defronte, hei-de vibrar-lhes
" Sacras fulminações, hei-de apontallos
" Como impios, dissolutos, libertinos
" Para o Ceo, para o Throno escandalósos,
" Por ver se assim os faço ao Vulgo odiósos :*
" Este gostinho só, vale o cansaço
" De quarenta Sermões, e a esmóla delles ;
" Lancem-me embora os erros meus em resto,
" Que eu naõ quero o que he bom, quero o que
eu gósto.
" Que eu seja na Invençaõ mesquinho ou nescio,

* Ha muito quem saiba, e ate quem ouvisse destes profanissimos desvios Oratorios de J. A. e especialmente a escandalosa apóstrophe que na Igreja de S. Paulo dirigio a Antonio Xavier, o mesmo de quem fallei no Canto 7°.

" E na Disposiçaõ desordenado,
" Na Elocuçaõ impróprio, secco, e rude,
" Falho em Memoria, e na Pronúncia ingrato;
" Que faça os meus Exordios taõ compridos
" Ou mais que a Narraçaõ; que naõ confirme;
" Que faça divisões, e perca o fio;
" Que entre nas provas, e naõ dê nenhuma;
" Que mal refúte, e que peior peróre,
" Tudo isso he bagatella: em misturando
" Com quatro láivos da Profana Historia
" Dous preceitos da Sacra; em alterando,
" Quando preciso for, qualquer dos Textos;"
Em trazendo algum simil des-usado,
Inda que bem naõ cáse ao mais que eu diga;
E ataviando tudo, e atando em mólho
Com phrases empolladas, e seguidas,
Inda que sejaõ vans; gritando sempre
Ate enrouquecer, e estar suado;
Camparei entre a turba dos pexótes,
E certo estou de grangear o nome
De Prégador chapado. De óra avante*

* Quem tiver ouvido J. A. e soubei entender o que ouvir, ·ará mui verdade o exposto relativamente ao seu módo predicando.

Ter tento em naõ calar, e vida-grossa;
" Que, em quanto houver Festeirós, e Irman-
dades,
" Terá sempre tostoẽs *Macedo o Ex-Frade*.
Os dictos dos Heróes naõ saõ baldados:
Melhor que o disse, o fez *Heróe Macedo*;
E, por intervençaõ de seus Patronos,
Crescendo o Pregador em nomeada,
Apenas tinha guélas que pudessem
Dar vazaõ ás devótas encomendas!
Angélica no-em-tanto, já viúva,
Andava por Lisboa lazarando,
Naõ tendo com que mate a crúa fome,
Nem com que cúbra as carnes maceradas!*
Podia ter o amparo de seu Filho,
Mas elle naõ lhe dóe sua miséria;
Ja na pouca-vergonha calaceiro,
Surdo aos maternos ais, em longos bródios
C' os *Generaes do Exército da Penha*
Gasta o que lucra em alta berraria!

* Hé sabido que andava pedindo esmóla.

Nem somente a miséria consumia,
E o filial desprezo amargurava
A miseranda *Angelica:* taõ fundas
Lança o materno-Amor suas raïzes,
Que, de tantas angustias opprimida,
Inda mais a magôa o ver seu Filho
Avezado ás nocturnas emboscadas
Que daõ tanto habitante ao *Limoeiro;**
E ver que préza tanto os bons escriptos,
Que até da Livraria Franciscana
Cortou alguns Sermões a-canivéte!†
Mas tudo isto eraõ feitos escondidos,
E os Heróes, que na Fama tem seu fito,
De alardear em público se aprazem.
Já de Sancta Izabel na Fregueria
Atravessando a turba rezadora,
Qual vai hum Caõ por vinha vindimada,

---

* Diz-se que J. A. tambem foi rancheiro da cóva de Cáco.

† Inquira-se o Padre Biblyothecário de S. Francisco da Cidade, e elle amostrará huma collecçaõ de Sermões Italianos, dos quaes J. A. na verdade cortou acanivéte; e diz-se que o mesmo fizéra a outras Obras.

Co' a esmola do Sermaõ vinha sahindo
O Poeta-Orador, *Macedo* o *Ex-Frade*
Quando topou *Angelica*....assombrado
Quiz voltar, mas naõ poude; e ella mui branda
A' triste petiçaõ de algum soccorro
Unio alguns, que por prazer lhe dava,
De boa Mãy suavissimos conselhos:
Porem elle, assomado acreditando
Desdouro seu aconselhallo a Velha,
Começou todo a estremecer de raiva!
Este impeto lhe dava o Desafóro;
E, por sua influencia, alevantando
Contra a misera Mãy as maõs malvadas,
Deo-lhe hum grande empurraõ, e foi-se an-
dando.*

Novo Orestes, das Furias avexado,
C'o peso do seu crime anciòso corre,
E vai depôr a mágoa deste encontro
No seio de huma sórdida Michella,

---

* Impossivel parece; mas naõ he ficçaõ poética, he huma escandalosa verdade.

Obscèna Barragan, venál Rameira
Que no fétido *Beco dos Beguinhos*
Tinha o seu Lupanar; e onde impudente,
Por antiga affeiçaõ ao bruto Alcouce,
Chafurdava encharcando-se, e sorvia
Tórpes prasères de vendido affago:
Nem lhe era novo alli achar o allivio
Contra as mágoas do lúbrico desfecho;
Logo ao nascer os Fados assellaraõ
Que ésta nova Barina, e naõ formósa,*
Roubaria os affectos deslavados
Do *Ex-Frade Garanhaõ*, que ja n'outr' ora
Ao *Caracól da Graça* fez por ella
Muito heróicas sortidas do Convento;
E óra, deixando a Mãy morrer á fome,
Com ella consumia os çujos cobres
Que dos bródios da *Penha* lhe sobrávaõ.†
De mais para melhor o Desaforo
Hia exaltando o Heróe; mas novamente

* Veja-se a Ode 8ª do L. 2º de Horacio.

† Tudo isto saõ verdades.

Suas infernaes Sócias convocando
Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpçaõ, Perfidia, Inveja;
Dest'arte lhes fallou " Hé vindo o tempo
" De eu receber de Vós o extremo auxilio,
" Para subir ao pico da insolencia
" Meu Alumno Macedo : ó que elle há feito
" Já naõ parece pouco, porem deve
" Os limites passar de toda a esp'rança.
" Antes que todas, Vós Intriga, e Inveja
" Deveis estimulallo por maneira
" Que aborreça, e dezeje o perdimento
" De todos quantos saõ seus superiores
" Nos bens, ou na virtude, ou no talento ;
" Em-modo que, por sède de vingança,
" D' Espiaõ-Delator o emprego tome,
" E receba salário : e Tu, Perfidia,*
" Farás que vá maligno, e cavilòso
" Dar falsas delações até de Amigos :
" Maledicencia, Tu, dicta-lhe, e escréve

* Há quem saiba ate quanto éra o tal salar.

" Mil solturas de phrases populares,
" Com impropérios mil, mil invectivas
" Contra em particular certas pessoas,
" E em-geral contra vivos, contra mortos,
" Doutos, e nescios, naturaes, e estranhos:
" Nem Tu, Adulaçaõ, sómente deves,
" A seu uso, inspirar-lhe os da lisonja.
" Vocabulos servis, quando practíque
" Com quem tenha o poder da governança;
" Mas, entre as várias producções que aborta
" Dignas delle, e de mim, influe-lhe a idea
" De alguma obra que em lisonja excèda
" Tudo o que produzio de mais nojòso
" Nas Eras más a depravada Roma;*

---

* Veja-se a Dedicatoria do *Poema Gama*: qualquer que seja o seu objecto, ella he supremamente ridicula, e e nojósa, porque trascála á mais servil, impudente, e odiósa lisonja; e os seus gabos seriaõ sempre exagerados, hyperbólicos, e insoffriveis, ainda que fossem dirigidos a Friderico 2° grande Rei, Filósofo, e Poeta: ella he hum abono da sentença do Legislador do Parnaso Francez.

Un Poème insipide, et sottement flatteur
Deshonore à-la-fois le Heros, et l'Auteur.

Boileau, *Sat.* 9.

" E Vós, Audacia, e Presumpçaõ, que tendes
" Tomado de seu genio inteira posse,
" De modo o regulai que se enfureça
" Havendo quem lhe affronte, ou note, ou negue
" Seu saber, suas obras, seus talentos;
" E, cuidando aterrar seus inimigos,
" Vário em composições como em costumes,
" Após de humas vá outras enfiando,
" Bem como úsa enfiar os rebuçados
" Quando de em-vaõ prégar está ja rouco.
" O mais, que falta aqui, tomo eu a-cargo
" Co'a Fortuna, com quem travei alliança;
" E, feito tudo assim co'a diligencia
" Com que usais de servir-me, eu vos protesto
" Que elle, antes de contar os onze lustros,
" Ha-de ser em Lisboa taõ fallado
" Como o costumaõ ser as grandes prágas;
" Bem que as pragas ao Mundo flagellado
" Costumem ser de lagrimas assumpto,
" E que a *Praga-Macedo* excite o riso,
" Misto de indignaçaõ e piedade,

" Em toda a gente que tiver bom-siso,
" Seja embora Marquêz, ou Duque, ou Frade."
Desmanchado o terrifico Conselho,
Buscaõ todas o Heróe ; e a-hum-tempo todas
Com dobrado furor do que tomáraõ,
Quando no taboleiro o visitáraõ,
No coraçaõ entrando-lhe e nos téstos,
Inda mais o azoináraõ do que azoinaõ
Ao Sol-pòsto o cançado Caminhante
N'hum charco, e n'outro charco as Rans ralando.
Como fogo em materia combustivel,
Ou como a peste quando ladra o sirio,
No toutiço do Heróe lavrando o influxo
Da caterva infernal, com pio zelo
Tantas accusações tinha ja feito
Quasi como de crimes commettera !
E o seu bom valedor, e honrado Amigo
Sepúlveda, que o tinha agazalhado
*Com todo o bom e honesto tratamento,†
Sepúlveda, por crimes nem pensados,

---

† Cam. Lus. C. 2°. Est. 13ª.

Em seus labios traidores ja merece
Pena, prisaõ, degredo, e talvez morte!*
Mas com riso maligno a cêga Deosa
Folgava de estender dourada cápa
Sobre seus desacertos, e seus crimes;
E Rebello, inda ignáro de taes feitos,
Por seu brando caracter bem-fazejo
Lidou, e conseguio sacar-lhe Carta
De Regio-Prégador: entaõ crescêraõ†
O seu nome, e os seus lucros, passeando
De baixo deste titulo amparado
Contra todo o precalço; o Heróe gozava
Mais abastança em bens, mas naõ mudava
De caracter, de genio, ou de costúmes;

---

* Muita gente sabe, e ate existem testimunhas que foraõ chamadas por occasiaõ da falsa denuncia que I. A. fizéra perante o Ministerio contra o Doutor Sepulveda (ja fallecido) que alem de ser honrado Homem, tinha aberto a sua casa, e as suas maõs em beneficio do seu Accusador.

* O Monsenhor Rebello alcançou a I. A. Carta de Pregador Regio, porem I. A. taõ mal lho aggradeceo, e com tanta pravidade continuou aconduzir-se, que seu ingenuo Protector chegou á arrepender-se de o haver sido.

E ingrato á maõ de que estes bens houvera,
Como com todo o Mundo odiòso, e ingrato,
Tal foi sua maldade, e o rumor della
Que ate, correndo tempos, a Fortuna
Cançou de apadrinhallo, e abandonou-o
Entregue a seu Mentor o Desaforo.

FIM DO 8º CANTO.

CANTO IX°.

Em quanto da Fortuna a meiga aragem
Infúna do Dezejo as soltas vélas,
Levantados nos hombros da Soberba
Laurèa o Desaforo os seus Alumnos;
Porem quando a Fortúna irada assopra
No pégo do Desprezo entaõ soçôbraõ:
O Ex-Frade-Pregador, que neste emprego
Campava por Lisboa erguido em palmas;
No azougado miolo entrou-lhe o sestro
De figurar tambem como Poeta;
E, porque só a magra Academía
No estîtico Almanak á luz lhe déra*
Humas tantas Poéticas miudèzas
Mais ruins entre as más de seu contexto;

* O Almanak das Musas, onde vinhaõ inseridas algumas insignificancias-Metricas de J. A.

Mal se conhece o Vate, honra do Thybre,
Com capa remendada, e embúço ás-càneas
Engóiado entre phrases deslavadas,
Ou duros Versos trascalando a Claustro;
Ou bem, ao úso original de *Elmiro*,
Arrevezada a tea do discurso;
E o que maior escandalo motiva
Hé o canino, túmido Prefácio,
Em que, insultando o Mundo, bazofêa
Ter acabado o que ninguem pudéra;
Mas, se a Maledicencia lho hà dictádo,
O Medo há supprimido o seu segundo
Tomo de Horacio trasmudado, e chòcho."

De honròsa intrepidez forrado o peito;
Eis n'hum frágil Caïque, retalhando
A verde-negra espalda turbulenta
Do Athlantico-Oceano, os prigos fórça,
E, antes do que ninguem, o ousado Nobre*
Ao seu saudoso Príncipe relata

---

* Manoel de Oliveira Nobre, então Piloto, e hoje Official de Marinha.

Do restaurado Reino a grande nova:
Elmiro, por metter bedêlho em tudo,
Elmiro quer cantar o exîmio arròjo,
E, em-vez de hum canto, gargantêa hum zurro!*
Mas diz-lhe a Presumpçaõ " Avante, avante:
" A Ignorancia he quem nota os teus escriptos,
" E o modo de a punir hê escrevendo."
E a teimósa, loquáz Maledicencia
Recórda-lhe as rezingas de seu Mestre
C'o Sebástico Mestre Funileiro.
Para fundar os dignos alicerces
Da grande óbra que entaõ se lhe ergue em mente,
Eis o *Heróe-Pregador* pela Ribeira
Aprendendo os picantes palavrórios
Da récua Marujal, e das Pexeiras;
E, no sabido Arrieiral pecúlio

* Aponteado de insipidos Versos, a que I. A. chamou Poema, e intitulou *O Novo Argonauta*: para se conhecer a insufficiencia da tal Obrinha, bastará saber-se, que tem máo estylo, máo plano, má conducçaõ, alguns êrros, e nenhum bom episódio; e que ate se ignoraria quem fosse o Heróe, se o naõ dissessem as Notas, que pela maior parte saõ boas, por serem cópiádas de alguns nossos bons Escriptores.

Vascolejando tudo, em bôa dóse
Ajuntou paradóxos, e sophismas
A mil erros históricos, é affouto
Des-andou co'a terrivel trovoáda
Que aos Sebàsticos-Crentes dirigia,
Mas cujo raio reverteo sobre elle.
Este o ponto fatal em que a Fortuna
Começou de virar contra elle a róda :*
Amigos, nem do *Exercito da Penha*,
Porque nem desses conservar sabia;
E o publico furor do *Heroe-damninho*
Escouça-lhe os Freguezes, e ja folga
Com menos quinze estafas por semana:
Mas vaõ-se-lhe estafando as algibeiras,
E, á mingoa de Sermões, o accordo toma
De a perda reparar, cançando o Mundo
Co'a louca multidaõ dos seus escriptos.

---

* Os Folhetos contra os Sebastianistas saõ taõ grosseiramente scriptos, que revoltáraõ Lisboa inteira, e, sendo-lhe patenteados os seus desvarios, especialmente pela—Refutaçaõ Analytica—J. A. desde essa época, pelo seu nescio orgulho, começou a desfazer-se em disparates impressos, desse modo procurando reparar o góthico, e arruinado edificio da sua burlesca fama.

Sangrou-lhe entaõ de-novo a funda chaga
Do descuido fatal da Lavandeira,
Que, mettendo em barrella humas cuécas,
Juntamente metteo hum dos dous Tomos
Em que escrevèra a Traducçaõ de Stacio:*
Começa a inundaçaõ dos *Solilóquios*,
Obra de tal saber que encóva os Sabios
Vel-quasi a-flux, antigos, e modernos;
E huma manhaã que os Nortes assopravaõ,
Em-tanto que os igniferos Ethontes,
Tirando ao largo o flavo Hyperiónio,
Com as settas do Deos luci-potente
Nebulósos vopôres dissipavaõ;
Tanto se lhe azougou a cachimónia
Que, bem como Sileno com tres dornas,
Começou a ver cousas que naõ vîra
Se, tal qual Deos lho deo, fôra em seu siso!
Vio, e pasmou! que á banda do Occidente

* I. A. queixa-se de que se lhe extraviou hum dos Volumes manuscriptos com a sua Traducçaõ da Thebaida, a que Boçage chamou.

De gôrdo Original Versaõ mirrada &c.

Pelo Ceo inda meio encapotado,
Mais do que a Estrella Eóa radiósos
Luci-trémulos Phósphoros brilhávaõ!
Vio Torres, vio Castellos, Ventoïnhas,
Mágicas Circes, Mágicas Medéas,
Mágicas Avantesmas tremebundas
Capazes de espantar qualquer Quixote!
E, depois de ver cousas nunca vistas,
Sobre hum Livro de Oítavo, escarranchado
Nos alti-baixos lombos de hum Corcunda,
Leo em letras maiúsculas composta
Esta palavra Gama! Azaranzado
Arréda anciòso a vista, esfréga os ólhos,
A seu Mentor devóto se encomenda,
Torna a affirmar-se na visaõ, e nóta
Que as nuvens em que vira este embréchado
A-prumo ao *Calhariz* hiaõ correndo!
" He prodigio, he prodigio que me chama,
" Ordenando que imprima o meu Poema:
" (Ledo exclamava) aquelle mesmo he o sítio
" Onde móra o Corcunda meu Livreiro,
" Elle mó ha-de imprimir. Que ralhe o Mundo;

" Mas tanto admitará minha ousadia,
" Quantó os meus *Gami-Epicos* talentos,
" Meu profundo saber, e o meu bom siso.
" Derribarei Camões, *Estátua velha*,*
" Vil objecto da Lusa idolatria;
" E, em chegando sobre elle a erguer meu Nome,
" Posso affouto estampar mil *Solilóquios*,
" *Segredos revelados*, e escondidos,
" *Cartas a Mendes*, Cartas do que eu queira,†
" Pois que naõ ha-de o Mundo os seus suffragios
" Negar a hum Vate de taõ grande cunho.
" O meu Poema está perfeito em tudo:
" Canto huma Acçaõ completa, e acabada:‡.
" Naõ tenho que emendar; Poema á Imprensa."
Assim pensava quando de luneta
Pelo qujo cubiculo lhe entrava
A Adulaçaõ, mui nédea e mui risonha,
Na figura de hum Homem baixo, e rolho,
Alvar na côr, louraça na cabeça,

---

* Phrase de I. A, em seus Soliloquios.
† Louca multidaõ de seus Folhetos.
‡ Assim o diz na Prefacçaõ ao seu *Gama*.

Olhos que chamaõ de Carneiro morto,
Nariz com presumpçaô de Papagayo,
Bocca de Arraija, dentes Cebolla,
Queixada cavallar muito carnúda;
E em tudo irmaõ no gesto e nas maneiras
Do *Manteigueiro Lopes*, Varaõ douto*
Azádo a fazer O'des de Manteiga,
Inimigo mortal do Camoes velho
Mas grande admirador do *Vate Ex-Frade ;*
E, proposta a impressaõ, começa logo :
" Há muito que, se Vossa Sapiencia

---

* *J. J. P. Lopes* teve fumos de Letrado sendo ainda Caixeiro de huma Loja de Mercearia, e aspirou ás honras de Redactor da *magra Gazeta de Lisbôa*, sendo-o ainda entaõ o Dr. Soares: depois de huns poucos de annos de empenhos, e bajulaçoes; e sujeitando-se a receber menos alguns trinta reis de ordenado &c. &c. conseguio tomar a empreitada, ajoujado á surrelfa com I. A. de *Macedo*, e a desempenhaõ com a dignidade conveniente a taõ grandes dous Sabios! Demais disto, tem publicado varias Odes que fazem ódio! Foi Sócio de I. A. na redacçaõ do miseravel Papelinho *Semanario de instrucçaõ e recreio*, que morreo de garrote, deixando a seus Auctores a mágoa do inutil desembolso de alguns coádos vintens : e finalmente, para em tudo se mostrar digno de seu Pedagogo I A. de *Macedo*, tem feito ridiculissimos appendices, ou adminiculos a alguns de seus ridiculos Folhetos.

" Meus sinceros conselhos escutasse,
" Teria dado ao Mundo esse regalo:
" Que cousa mais formósa que hum Poema
" Feito pingue, de assumpto taõ esteril.
" Que, *posto seja grande em Geographia,*
" *Navegaçaõ, Commercio, Astronomia,*
" *E sobre tudo Historia, he mui pequeno,*
" *He minimo em Poesia?* Ou que altos feitos*
" Merecem mais louvor que o nobre arrojo
" De arrostar sobre as azas do Estro ardente
" A opiniaõ geral do Mundo inteiro?
" Camoes era admirado, e *o novo Gama*
" Vai dar a conhecer que elle era hum asno!
" O seu Heróe éra hum Heróe deveras,
" Pois que por sonhos fez a graõ viagem,
" E estirou o Timoja de hum só talho!"†

---

* Este he propriamente o longuissimo arrazoado de I. A. na Prefaçaõ ao seu *Gama*. Ora como poderá conceber-se que hum assumpto, por tantos motivos grande, seja *minimo em Poesia!* Concêbe-o I. A. mais o seu *Lopes*.

* I. A. altera a verdade sabida da Historia, finge o Gama entrado em combate, e o Timoja morto ás suas maõs; apontoando, sobre as outras, mais esta incoherencia no caracter do Gama, sem se lem-

" Verdade he que se diz que o tal Pirata,
" Sendo mui de proveito aos Portuguezes,
' Largos annos viveo depois que o Gama
" Partio de Calecut: mas que tem isso?
" He licença Poetica, e taõ bella
" Quaõ grande o talho foi que deo o Gama!
" O seu Maravilhoso he tal, e tanto
" Que ate do Senegal muda as correntes!*
" Na phantástica Ilha do Diabo
" Lá está Estátua que ao Brazil aponta!†
" Falla a Asia, S. Thomé, o Infante, e o Anjo,

---

brar de que elle devia assimilhar-se a Ulysses, a Eneas ou a Goffredo, e naõ a Achilles, a Cesar, ou a Henrique 4° orem J. A. em nenhum bom sentido sabe que cousa seja verdadeiro caracter. Veja-se a Nota (10) ao Canto 6°.

* I. A. faz o Rio Senegal (ou Canagá) alem da Linha, quando aliás este Rio sepára os Mouros Azenégues dos Negros Gelòfos da Costa de Guiné.

† A primeira Terra a que I. A. dá aportado o Gama he huma Ilha deserta (mentira inutil) e alli apresenta huma Estatua apontando para o Brazil, com huma inscripçaõ Grega, dizendo, que cedo os Portuguezes o haõ-de descobrir: isto he hum plagiato do Poema intitulado—Caramurú—alem de ser huma idea que se naõ casa com a acçaõ do Gama, e de com ella acarretar largos disparates.

" E entra tudo no Templo da Memoria!*
" Episódios ninguem os tem melhores:
" Que elegancia, que força, e magestade
" No Guerreiro Africano, e no bom Velho
" *Meneando com emphase a cabeça!* †
" Que divino furor no Sacerdote!‡
" O enterro do de Encógi causa espanto!
" Os tres Pretos as carnes arripiaõ:
" Pois Ignez? Ate faz chorar as pedras!§

---

* A Asia mostra em sonhos a El Rei D. Manoel o Templo da Memoria, o Infante D. Henrique leva alli o Gama &c. &c.

† Este Verso he do 2° Canto do Gama de I. A. que, desdenhando Camões, e buscando sempre, e sempre, em vaõ, imitallo; por lhe lembrar a bella prosopopéa do 4° Canto da Lusiada, apresentou tambem hum Velho declamando contra a empreza do descobrimento da India, de ajoujo com hum Guerreiro, e com a *emphase*, e o descuco de I. A.

‡ Foi hum tal que, no momento do embarque dos nossos illustres Aventureiros, tomado do furor prophetico, vio *os extremos Chins humilhados aos raios do Tejo*, e outros diparates desta laya.

§ A respeito desta Ignez vejaõ-se as Notas (6) e (7) ao Canto 6º. O caso dos tres Pretos vem a ser: que dous Pretos amavaõ huma Pretinha; e, como naõ podiaõ ambos igualmente possuilla, e nenhum tinha animo de perder a jóia, concertáraõ entre si matar-se, e matalla, e a Cachorra esteve por isso: demais-a-mais, a historia foi contada por hum dos Negros Amantes, ja quando arreganhava o dente com as

“ E quem será taõ bruto que naõ pasme
“ Do maravilhosissimo Episódio,
“ De-propósito escripto por contraste
“ Do Gigante do Cabo das Tormentas;
“ Quando o Genio da bruta Idolatria
“ Com seus clamores espaventa o Globo,
“ E anda Vasco da Gama abaixo-e-acima
“ Luctando sem refúgio, nem governo
“ No cego horror de estranha tempestade;
“ Por que o graõ Satanáz, posto nas azas,
“ A' viva força da infernal dentuça
“ Hum rochedo de Jáva cerceára,
“ Com que aos Mares Austraes quebrado o gelo
“ Róla expedito, e solto, e destacado,
“ E vem correndo a revolver os Mares
“ Por onde entaõ o Gama navegava,

---

ancias da morte. No Reino de Encógi (onde o Gama naõ foi) diz I. A. que, assistindo os nossos Descobridores ás exéquias de hum dos Principes do Paiz, cujas Leys ordenávaõ que com o cadaver fossem queimadas seis das mais formosas Donzellas, quasi que excitou huma sediçaõ para obstar ao sacrificio, cobrindo de injúrias e ameaços o Rei que mui bem o hospedára. Eis-aqui como I. A. sabe guardar a conveniencia dos costumes, e caractéres!

" Aboyando nas agoas por maneira
" *Que os Mares cobrem, cobrem Horisontes*
" *De toda a parte os congelados Montes!* *
" Pois, se devo fallar dos caractéres,
" Vejo que nunca fez nenhum Poéta
" Hum Diabo melhor que o seu Diabo;
" E fica Milton-a-perder-de-vista,
" Que elle em seu Paraïso nunca disse
" *De hum eterno Rival desprézo á gloria!* †
" O caracter do Heróe, esse he chapado!
" Nada digo dos mais, porque he bom tudo.
" O seu estylo hé sempre igual, e a phrase

---

* Estes dois Versos saõ de I. A. no 7° Canto do seu *Gama*, onde tal, qual eu aqui summariamente o descrevo, se lê hum Episódio, claramente apresentado na-quelle lugar para contrastar o inimitavel Adamastor; e que, alem de ser o destempero mais garrafal que nunca escreveo nenhum Homem com fumos de Poeta, he sem contradicçaõ o aborto de huma phantasia inteiramente desvairada, e de huma crassissima ignorancia.

† Só o sapientissimo *Poeta Epico, e Reverendo-Pregador I. A. de Macedo* póde conceber que o Diabo *despréze* a Omnipotencia, o Supremo Saber, e a Gloria do Soberano Architecto do universo! Mas o Verso he do 3° Canto do seu *Gama*, que formiga em outros que taes.

" Pode servir de nórma aos que desdenhaõ,
" Como nós, os rançósos Quinhentistas:*
" E em fim, se o seu Poema tem defeitos,
" Peor o fez Camões: o meu conselho
" He de o metter no Prelo; e só quizéra
" Huma Dedicatória, por maneira
" Que houvesse na incensada Personagem
" Contra o rancor geral hum firme escudo."
" O Conselho he de Amigo." Assim dizendo
Deo-lhe a maõ, e apertou-lha em despedida,
Pespegando-lhe hum bejo humedecido,
Que dizem lhe aggravára o mal nojôso
Das nunca extinctas áphtas que padece.†
  Inda aqui, a-pezar dos seus desvios,
Accodio a Fortuna ao *Vate Ex-Frade*,
Que, julgando o Camões ter excedido,
Houvéra presumpçaõ de arrebentallo,

---

* Quem tiver a mal-empregada pachorra de ler o *Poema Gama*, achará continuada dureza do estylo, e igual em todas as materias; Gallicismos, epithetos mal-apropriados, construcções abstrusas &c.

† I. A. padece na verdade esta molestia; de maneira que a sua bocca he constantemente como a de hum Caõ damnado, ate pela bába.

Se o discurso do *Lopes* continúa;
Como se diz, da Raã, porque tentára
Ter de hum Boi a membrúda corpulencia.
Mas c'o contacto do supposto Amigo
Calou-lhe vivamente pelas vêas,
E trepou-lhe ao miòlo mui coádo
O fogo adulador, que se evapóra
Em mil phrases servîz, nescios louvôres,
Hypérboles, e phosphoros rythmados."
*Materia he de Cothurno, e naõ de Sócco †
O mais que inda contou do *Ex-Frade* a Fama:
*Aqui minha Calliope te invóco
*Neste trabalho extremo, porque fique ‡
Em seu hórrido nome horrendo exemplo
Aos mais que houver o Desaforo eivado.
Já o *E'pico Agostinho* muito ufano,
Posta a prôa na Loja do Corcunda,
Partia da *Bombarda* a pannos soltos,
Quando huma Grálha (miserando agouro!)

---

† Cam. Lus. C. 10°. Est. 8ª.

‡ Cam. Ib.

Negramente grasnando, as azas bâte,
E, o caminho do Vate atravessando,
C'o estrondo de quem soffre dysentéria,
Ou de quem do vazío expélle os ventos,
Da-lhe huma correntïa talhadura
Toda empregada no alto da cabeça:
Mas *este Heróe Cambayo* naõ encontra
Outro Melique-yáz que o des-aggrave ;*
E, c'o furor do agouro, levantando
Muito rijo a trotar quasi hum galópe,
Na *Loja do Corcunda* entrou suádo,
Como hum Macho de Pósta, que na múda
Está dando aos ilhaes, co'as maõs d'espéque.
Senaõ-quando eis-que salta hum Gato negro

---

* Estando em campanha El Rei de Cambaya, ao Sahir hum dia da sua Tenda, hum Milhano lhe deo huma talhadúra na cabeça, do que elle ficou mui sentido, por ser (como todos os Indianos) mui crente em agouros: Melique-yáz, seu Escravo, que por acaso estava presente, e éra excellente atirador de flecha, atezou o arco, e derribou a Ave sacrilega; e de entaõ começou a sua fortuna, por maneira que éra hum ricco Potentado, e senhor da memoravel Praça de Diu ao tempo das nossas primeiras conquistas no Oriente.

Barros. Dec. 1ª.

(O mesmo negro Gato desattento
Que ja lhe espatifou dezeito empadas)*
E, ao tempo quando o Epico sacáva
Da erudîta algibeira o graõ Poema,
Furioso empregando a léve garra,
Rasgou-lhe algumas folhas, e partio-se
Com música infernal em sons tremidos
Deixando estupefactos, e aturdidos
O *Poéta, e o Lunático-Livreiro.*"
Oh! que fizeste Tu, maldita Gralha,
Sobre os sagrados *cascos-Agostinhos*
Chorreando as trazeiras immundìcies!
O que fizeste Tu, Gato maldito,
Dilacerando a Obra mais pasmósa
De quantas em máos Versos se tem visto!
Qual c'o famoso Almeida em outras E'ras
O máo Rei de Quiloa, assim c'o *Ex-Frade*†

* Estando J. A. na *Loja do Corcunda* a comer humas empadas com hum seu Satellite, entrou outro, trazendo hum Soneto em que se lhe fazia alguma justiça: J. A. ergueo se a blasfemar, e no em tanto o *Gato do Corcunda* mamou-lhe as empadas.

† El Rei de Quiloa deferio a sua conferencia com o nosso illustre Vice-Rei D. Francisco de Almeida, dando por causal, que, ao tem-

O Corcunda, do agouro amedrontado,
Duvída contractar ; e mais ainda
Porque ao justo naquella propria hóra
Entráva a Lúa em Quarto-mingoante,
Agourando que á mingoa de Leitores
Morreria de Tráçá o tal Poema.*
De taõ tôrpes fracassos combatido
O Heróe entristeceo, vendo mui claro
Des-andar-lhe a Fortuna ; e ja naõ dava
Trinta reis pelos lucros de huma Obra
Que tinha trabalhado em tantos annos,
Com tanta perfeiçaõ ! Porem, calando
Toda a mágoa e temor, como se fôra
Mui segúro de si, rompeo profuso
Contra os nescios agouros declamando ;
Naõ c'o vigor sublime com que out'róra
Demósthenes a Grecia revolvia,

---

po em que para ella se dispunha atravessara hum Gato negro, cousa entre elles de mui funesto agouro. *Barros. Dec.* 1ª

* O miseravel Livreiro, que he Lunático em toda a força do vocabulo, foi-lhe esta vez fiel a mania dos agouros, porque saõ passados tres annos, e aindagora se queixa de que naõ tirou a despeza da impressaõ do *Gama*.

Contra Filippe ás armas convocando;
Nem co'a flórida pompa com que Tullio
Defende Róscio, ou Catilina accúsa;
Mas co'aquelle furor, e vóz deferro
Com que insano troveja, e naõ commove ;*
Co'a monótona, e rouca vozería
Com que úsa atordoár o Povo rúde,
Quando vai no exercicio accostumado
Do Sacro Ministerio, que envilece,
Dizendo o que naõ sabe, e o que naõ sente,
Phraseando a-èsmo, e bracejando á-toâ,
Com rúbido furor Fradi-fremente,
Falho em doutrina, nauzear Lisbôa.
Qual se ouvíra huma grande trovoada,
O misero *Corcunda* estupefacto
Escúta o Pregador, que berra; e súa,
Descompassado o gesto, a cor perdida,
Dos olhos flammejando, e furioso

---

* Na ja citada Satyra lhe disse Bocage :
Trovejas, enrouqueces, naõ commoves,
Gélas a contriçaõ no centro d'alma.

Como a Sibylla oraculos abrindo!
Dos berros, mais que das razoens, movido,
Na falsa expectaçaõ de largos lucros,
Ja elle expõe á venda *O Novo Gama:*
Nos cascaveis da rythma embasbacando
Applaudio a Ignoráncia o novo Livro;
Mas, apenas o Monstro erguêo no Typo
A orgulhosa cabeça mal-composta,
Fodo o Castàlio Choro espavorido,
Co'as maõs tapando os ólhos, e os ouvidos,
*Fugio tremendo; e Apollo de torvado
*Hum pouco a luz perdeo como enfiado!†
A tranquilla, e segúra Sapiencia,
Posto que ver de *Elmiro* naõ cuidasse
Obra que á perfeiçaõ se aproximasse,
Naõ quiz julgar sem ler; e entaõ, tomada
Da justa indignaçaõ a que provóca
Nua de todo o mérito a Vaidade,
Trovejou sobre Elmiro estas sentenças:
" Se, na idade arrojada, e vigorósa

---

† Cam. Lus. C. 1°. Est. 37a.

" Em que o divino fogo aquéce a mente,
" E os proveitos do estudo em obras brilhaõ,
" Nenhuma deo que o gêlo naõ crestasse,
" E da Ignorancia os sêllós naõ trouxesse;
" Como havia compôr hum bom Poema
" O Auctor que com déz lustros ja pezada
" Tem de cans a cabeça povoada?
" Se de terreno máo naõ vem bom fructo,
" Como faria *Elmiro* hum'obra boa?
" E o *rouco Pregador*, que inda naõ déra
" Huma Peça-Oratória em si perfeita,
" Como havia compôr huma Epopéa
" Que Homero, ou que Virgilio sombreasse,
" Ou que ao grande Camões se assimilhasse?
" *Podem-se pôr em longo esquecimento †
" Quantos Epicos-Monstros abortáraõ
" De vacúas frontes, plagiárias plúmas,
" Que este indigesto aborto *O Novo Gama*
" He a prova real do muito que ousaõ
" A Fatuidade, o Orgúlho, e o Pedantismo!
" Por fortuna da gente que distingue

† Cam. Lus. C. 4°. Est. 6ª.

" Bom, e máo, e peior, pessimo, e infame,
" Do infame *Elmiro* o pessimo Poema,
" Nas azas da indiscreta Novidade
" Correrá pouco tempo em terra pouco ;
" E cedo na memoria ha-de apagar-se
" De seus Cantos o som desentoado,
" Ficando de desprezo, e pó coberto
" O Livro cujo Auctor merece oppróbrios:
" Apontado será *o Auctor do Gama*
" Bem como os criminósos com ferrete,
" E as muito poucas vezes que for lido
" Será para excitar ou raiva, ou somno."
Dicto isto, e arrojando desdenhósa
O Elmírico-Poema- Narrativo,
De novo na Lusiada foi vendo
Do disforme Gigante o gesto horrendo.
O'Numes, eo prognóstico terrivel
Todo se vai tornando em realidade ;
Pois, mal que de huma esquina assoma *Elmiro*
(Urso no gesto, e Phariseu no rosto ;
Qual Touro em praça, cabiz-baixo olhando
Desconfiado a turba que o rodea ;

E, somente modesto pelo traje,
Com chapéo de tres-ventos assentando
As grisalhas melenas, estendidas
No roliço cachaço) o Povo rindo
Logo todo murmura " Olha o *Ex-Frade*,
" Olha o *Camões da Rúa da Bombarda*,
" Que dá por páos, e pedras, escrevendo
" Obrinhas que costumaõ nos Leitores
" O effeito produzir das dormideiras!"
Mas de todo este cómico progresso
Alegre o Desaforo, e vangloriòso
Por ver o Alumno seu trepar taõ alto,
Inda espera mettello em novas scenas,
Porque diz que aos malignos impostores
Nunca faltaõ estúpidos Mecenas;
E desta sua esp'rança os fundamentos
Naõ saõ lançados a-sabôr dos ventos.

No Paiz extensissimo que corta
De ponta a ponta extrema os Mundos todos,
Dos Reinos da Philaucia o Norte assopra,
E assopra o sul dos Reinos da Mentira:
Entre estes dous, com ambos confinando,

Tem a Lisonja amplissimos Estados,
Cujo mal-firme chaõ he todo fúmo,
E cujo Ceo he todo Meteóros:
N'hum alto vari-fúlgido Castello,
De plumas de Pavaõ architectado,
Com tectos dos que Arachne erguer costúma,
Colúmnas das que o Mar nas praias deixa
Depois que róla, e bate, e brama, e foge;
Alli, muito donósa, e recostada
Sobre coxins de empôlas saponáceas,
Mora a Nescia-Invençaõ, que se accredita
Das tres Rainhas Defensor-Ministro;
E incansavel dalli, quasi em chuveiro
De falsa lúz mil settas despedindo,
Arèa mil cabeças, produzindo
Bávios, e Mévios, Zoilos, e Macedos:
A retaguarda, e flancos lhe resguardaõ,
Perpétuas, vigilantes Sentinellas,
A convulsa espantada Turbulencia,
A Malicia c'os olhos sempre baixos,
E para o-Ceo com elles sempre erguidos
A pallida traidora Hypocrisia,

Que inda mais sangue fáz que a Tyrannia!
Os estúpidos Pasmos que a cortejaõ,
Correios seus, trombeteando os vivas,
Do grande Ministerio Invencioneiro
As ordens levaõ pelo Mundo inteiro:
Dalli voando o intempestivo Applauso,
Com benigno rumor de áura suave,
Os ouvidos affaga ao impio, ao nescio
Que mais nos erros seus dest'arte arraiga;
E dalli desce o influxo aos vaõs Artistas
Que aviltaõ suas Artes, dedicando,
Aos indignos de honrar-se honrósos quadros
Com lustre de emblemáticos lavores.
Quando na infancia de seu nobre Alúmno
Astúto o Desaforo e diligente
Curáva de influir-lhe as artes suas,
Alli foi demandar, e obteve auxilio;
E, quaes, se n'huma dórna o mosto ferve,
Ténues insectos em tenáz cardume
Zùmbem, chupando as rúbras aduéllas;
Taes, da Nescia-Invençaõ a hum lève acêno,
Falsidades, Basòfias, Destemperos,

Túrbido enxame, com ferraõ maligno
Foraõ chupar nos testos de *Macedo*
Alguns ráros barruntos de bom-siso :
Vendo depois com gaudio o Desaforo
Fructos de seu ensino em obras delle ;
Vendo o *Poema Gama* expòsto ao Mundo,
E o Mundo todo a escarnecer do *Gama*,
Novo auxilio pedio ; ligeiro e lédo
O Sátrapa ideal, convindo em tudo,
Deo em forma de agouro este protesto :
" Posto que nos escriptos de *Macedo*
" Ande sua alma negramente impressa,
" Como hum timbre qualquer tirado a-fumo,
" Naõ basta, e déve todo o Mundo ver-lhe
" No atróz semblante ressumando os crimes ;
" Assim será : mostrando as pháses todas
" Sobre huma correraõ quarenta Lúas,*
" E entaõ, em *Oriente* refundido,

---

* *O Poema Goma* foi publicado em Septembro de 1811, e o *Oriente*, ou *Gama refundido*, e accrescentado com dous Cantos, demais em todo o sentido, publicou-se em Março de 1815.

" Verás o *Gama*, em guinchos mais crescido,
" Encher com seu louvor mêa *Gazeta !**
" Verás hum Pintor-Cócles, mui devoto †
" Das sapientes *Elmiricas-façanhas*,
" Por-lhe a-óleo ò caraõ, affeiçoado
" Inda que com favor, assimilhado ;
" E c'hum Livro nas maõs, como em memoria
" Dos muitos que roubou : verás *Manteiga* ‡
" Com tardonho buril passallo a cobre ;
" *Macedo* punirá esta tardança ; §
" E, a seu pedido, como proprio emblema

---

* *A magra Gazeta de Lisboa* de 24 de Fevereiro, annunciando o *Poema Oriente*, chamou-lhe, a fora outras alcunhas, *Maravilhosa producçao do Genio, onde brilhao magistralmenle desempenhadas as difficilimas regas do Poema Epico* &c. &c.

† H. I. da Silva : cego de hum olho, e que para tal obra o deveria ser de ambos.

‡ D. I. da Silva, por antonomásia o Manteiga : e logo foraõ dous Silvas que reproduziraõ aquella ricca Amóra !

§ O miseravel, ainda que alias habil Gravador, succedeo-lhe hum precalço com que perdeo a primeira chapa, e teve por isso de retardar a óbra ; mas por esse retardamento lhe dirigio I. A. huma carta em que o punha á viola.

" Dos crimes que escrevendo commettera
" (Hum tempo Sycophanta, e Zoilo agora)
" Ornar-lhe-há o baixo do Retrato infando
" Huma penna de ferro, negrejando
" Por entre lusco-e-fúsco, ou lúz do Inferno :*
" Nos Tórculos depois multiplicado,
" De seu fusco-Oriente-gatunado †
" Enfeitará luxósos frontispicios,
" Qual de hum Mestre de sebo, e de polvilhos
" Em besuntado páo meã cabeça
" Com chorîna, ou tiçado a porta ad'reça :
" Verás que em vil, torpissima linguagem
" Comporá outra métrica-salsáda
" Que chamará Poema, ou *Burricada*,

---

* I. A. mal-contente de que *o seu devóto Pintor-Cocles* o retratasse para correr Mundo no frontispicio do seu Livro ; esquecendo-lhe de o por a escrever, pedío que na gravura se lhe ajuntasse huma penna. " Porem como ? (lhe perguntou o-Gravador)." Seja como for, eu quero ahi huma penna (respondeo J. A.) entaõ o pobre *Manteiga*, receando a lingua do retratado, lembrou-se de metter (a penna) em hum globo de luz, tirando assim apparentemente das trevas o Figuraõ gravado.

" Desaforado abórto em que injurie
" *Velhos, e Moços, Donas, e Donzellas,†
" Classes, Congregações, Nações inteiras;
" Afora outras obrinhas mais miúdas
" Dignas de seu Auctor, como elle infames."
Assim contáva a Fama: e a Liberdade,
Co'a Razaõ eo Bom -Gosto practicando,
Dest'arte conclûo " Somos vingados:
" Se deste Luso escandalo entre os Lusos
" A nescia-protecçaõ tólhe a vingança;
" No ditoso Paiz onde eu domino,
" Na fausta Graõ-Bretanha eu vos prometto

---

† Na Livraria Graciana havia manuscripto hum antigo Poema com o titulo de—Oriente Conquistado—desappareceo, e presume se que J. A. lhe deo o caminha que dera a alguns Livros desta sosiraria, que dizimou, como a de Enxobregas, e as outras ja citadas; e talvez deste seja roubado o muito pouco bom que apparece em seu Poema.

† Cam. Lus. C. 7°. Est. 49ª.

* Impossivel parceo; mas nao he ficcao poetica, he huma escandalosa verdade.

* Veja-se a Ode 8ª do L. 2° de Horacio.

† T udoisto saõ verdades.

" Que os raios-Typográphicos se accendaõ,
" E corraõ Plaga e Plaga incendiados
" Co'as cinzas do ridiculo cobrindo,
" Dos outros Córvos para espanto e medo,
" O nome do *Novo-Epico-Macedo.*

FIM.

Impresso por W. Flint, Old Bailey, Londres.